

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE  
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO**

**SÉRGIO LUCAS DA SILVA JÚNIOR**

**O CLIQUE DA VIGILÂNCIA: A FOTOGRAFIA COMO UM DISPOSITIVO DE  
VIGILÂNCIA E CONTROLE NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS. ESTUDO DE CASO  
SOBRE A EXPOSIÇÃO DA FAMÍLIA MILLER NO INSTAGRAM.**

Caruaru  
2021

SÉRGIO LUCAS DA SILVA JÚNIOR

**O CLIQUE DA VIGILÂNCIA: A FOTOGRAFIA COMO UM DISPOSITIVO DE VIGILÂNCIA E CONTROLE NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS. ESTUDO DE CASO SOBRE A EXPOSIÇÃO DA FAMÍLIA MILLER NO INSTAGRAM.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social.

**Área de concentração:** Comunicação

**Orientador:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Izabela Domingues da Silva.

Catálogo na fonte:  
Bibliotecária – Maria Regina Borba - CRB/4 - 2013

S586c

Silva Júnior, Sérgio Lucas da.

O clique da vigilância: a fotografia como um dispositivo de vigilância e controle nas redes sociais digitais. Estudo de caso sobre a exposição da família Miller no Instagram. / Sérgio Lucas da Silva Júnior. – 2021.  
83 f.; il.: 30 cm.

Orientadora: Izabela Domingues da Silva.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, **Comunicação Social**, 2021.

Inclui Referências.

1. Fotografias como recursos de informação. 2. Fotografias. 3. Controle social – Vigilância da população. 4. Redes sociais online. 5. Sociedade da informação. I. Silva, Izabela Domingues da. (Orientadora). II. Título.

CDD 659.3 (23. ed.)

UFPE (CAA 2021-178)

SÉRGIO LUCAS DA SILVA JÚNIOR

**O CLIQUE DA VIGILÂNCIA: A FOTOGRAFIA COMO UM DISPOSITIVO DE  
VIGILÂNCIA E CONTROLE NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS. ESTUDO DE CASO  
SOBRE A EXPOSIÇÃO DA FAMÍLIA MILLER NO INSTAGRAM**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Comunicação  
Social da Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste,  
como requisito parcial para obtenção do  
Título de Bacharel em Comunicação Social.

Aprovado em: 26/08/2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Izabela Domingues (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dra. Juliana Andrade Leitão (Examinadora Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dra. Julianna Nascimento Tórezani (Examinadora Externo)  
Universidade Estadual De Santa Cruz

A Helen, Bobby, Charlie, Bobby Jr e Cooper.

Aos meus pais pelo apoio para que esse sonho se tornasse realidade.

A minha orientadora Izabela Domingues por todo incentivo.

A Felipe Galvão pelos debates e paciência ao longo desse processo.

## AGRADECIMENTOS

Entrar na universidade pública e ter a oportunidade de permanecer nela até o fim da graduação é, sem sombras de dúvidas, um sonho sendo realizado. A interiorização do ensino, especialmente o público, proporciona transformações significativas na vida de todos os estudantes dos interiores do Brasil, que não conseguem, por inúmeras razões, alcançar as capitais do país para poder ter a chance de conquistar um diploma. A minha eterna gratidão:

À Universidade Federal de Pernambuco por oferecer, através de anos de resistência, uma educação livre e de qualidade, e, principalmente, ao Campus Acadêmico do Agreste, por me proporcionar o Curso de Comunicação Social, no qual as minhas conquistas foram aplaudidas e acolhidas, e, claro, por ter uma vista impecável do pôr do sol. Essa paisagem renova as energias de qualquer estudante.

À minha orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Prof.<sup>a</sup> Izabela Domingues da Silva, por toda inspiração, apoio e incentivo. Você é um exemplo de determinação a ser seguido, suas aulas, debates e palestras mudaram a minha vida para melhor.

A todo corpo docente do curso de Comunicação Social do Campus Acadêmico do Agreste, em especial, Teresa Lopes, Fabiana Moraes, Diego Gouveia, Sheila Borges, Juliana Leitão, Rodrigo Barbosa, Marcelo Machado e Amanda Mansur. Obrigado por todo conhecimento que me ofereceram.

Aos meus amigos do curso de Comunicação Social Cladisson Mélo, Rafael Cavalcante, Gabriela Ambrósio, Nicole Martins, Luís Lopes, Thalicia Andressa, Adriele Silva, Joseane Maria, Fátima França e Natália Ribeiro. Vocês foram essenciais na construção da minha jornada no curso e na vida.

A Joelson Augusto, por todas as conversas durante a construção desse trabalho, os nossos debates foram essenciais para me manter firme nessa jornada, você merece o mundo inteiro. À Rayanne Elisã, por ser uma boa amiga e ouvinte em todas as horas difíceis e confusas nas longas noites de estudos.

A Felipe Galvão, por compartilhar saberes valiosos para a minha jornada como ser humano e também por toda paciência quando as coisas não estavam indo tão bem. Sua presença me transforma positivamente todos os dias.

Aos meus pais, Sérgio Lucas da Silva e Cleonilda Maria da Silva Lucas, por me proporcionarem o conforto e amor necessário ao longo da minha vida, o apoio de

vocês na jornada acadêmica tornou tudo mais fácil, minha gratidão nunca será o bastante pelo tanto que me deram. Aos meus irmãos, Heloísa Lucas da Silva e João Victor Lucas da Silva, por tanto amor e paciência. Obrigado.

A realidade digital está tomando conta e redefinindo tudo que é familiar, antes mesmo de termos tido a chance de ponderar e decidir sobre a situação. Nós celebramos o mundo conectado por causa das muitas maneiras pelas quais ele enriquece nossas capacidades e perspectivas, mas ele gerou novos grandes territórios de ansiedade, perigo e violência conforme o senso de um futuro previsível se esvai por entre nossos dedos (ZUBOFF, Shoshana, 2020, p.15)

## RESUMO

Este trabalho pretende investigar, no contexto da era digital, como a fotografia se tornou um dispositivo de vigilância distribuída e de controle dos/sobre os indivíduos a partir da produção e do compartilhamento constante de imagens, de modo público, nas mídias sociais. Para compreender essa questão, articulamos os conceitos de sociedade disciplinar (FOUCAULT, 1987), sociedade de controle (DELEUZE, 1992), fotografia e suas transformações ao longo dos séculos, da analógica à digital, (OLIVEIRA, 2006) e fotografia enquanto documento (KOSSOY, 2001), a fim de entender como a fotografia adquire, entre inúmeras funções já atribuídas a ela, o papel potencial de dispositivo de vigilância na era digital. Este estudo faz uso da metodologia qualitativa e das técnicas associadas de pesquisa bibliográfica, estudo de caso e netnografia, tendo como corpus de pesquisa o perfil público da família Miller, residente no subúrbio de Londres, no site de rede social *Instagram*.

Palavras-chave: Fotografia. Vigilância. Controle. *Instagram*. *#Documentyourlife*.

## ABSTRACT

This study intends to investigate the mechanism by which digital era photography became an apparatus of widespread vigilance and control of/over individuals through massive and constant image content creation and sharing in public profiles on social media platforms. In order to elucidate this issue, we articulate the concepts of Disciplinary Society (FOUCAULT, 1987), of Society of Control (DELEUZE, 1992), of photography and its evolution through centuries, from the analogical to the digital media (OLIVEIRA, 2006), as well as its utility as a document (KOSSOY, 2001), as a means of comprehending how photography acquires, among many other functions, its potential as an apparatus of vigilance in the digital era. The present study is developed by qualitative methodology as well as the associate techniques of bibliographical research, case study and netnography, using as corpus the public profile of the Miller Family, based on a London suburb, on social network platform Instagram.

Keywords: Photography. Vigilance. Control. *Instagram*. *#Documentyourlife*.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Comentários dos internautas no site Tecnoblog.....	31
Figura 2 –	Reprodução da primeira foto do mundo, atribuída a Josehp Nicéphore Niepce.....	40
Figura 3 –	Ficha antropométrica de Alphonse Bertillon produzida em 1912.....	42
Figura 4 –	Gabinete fotográfico de Alphonse Bertillon, 1890.....	43
Figura 5 –	Memórias de uma era analógica.....	45
Figura 6 –	Fotografia manipulada por Gilmar Silva.....	48
Figura 7 –	Fotografia manipulada de líderes de governo.....	49
Figura 8 –	Antigos álbuns fotográficos.....	50
Figura 9 –	Amostra do feed dos perfis @maddyslittlesquares, @alexjamesfitz, @shensync.....	56
Figura 10 –	Página do YouTube da autora do projeto Document Your Life.....	58
Figura 11 –	Hashtag Document Your Life no <i>Instagram</i> .....	58
Figura 12 –	Família Miller reunida na escada.....	61
Figura 13 –	Membros da família Miller.....	62
Figura 14 –	Charlie e Bobby abraçados posando para a foto.....	63
Figura 15 –	Localização de Londres.....	64
Figura 16 –	Localização da Crofton Infant School.....	64
Figura 17 –	Crofton Infant School.....	64
Figura 18 –	Imagem via satélite da Crofton Infant School.....	64
Figura 19 –	Charlie, Bobby e Cooper sentados na frente de uma casa	66
Figura 20 –	Faixa da casa de número 14.....	67
Figura 21 –	Visão via satélite da casa de número 14.....	67
Figura 22 –	Casas em frente à casa de número 14.....	68
Figura 23 –	Bobby posando para uma fotografia com um certificado nas mãos.....	68
Figura 24 –	<i>Westcombe Park RFC</i> .....	69
Figura 25 –	Série de fotografias da Família Miller em ambientes externos.....	70
Figura 26 –	Comemorações da família Miller.....	71

Figura 27 –	O novo integrante da família Miller, Oscar.....	72
Figura 28 –	Campus Acadêmico do Agreste X Petts Wood.....	78

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>A ERA DIGITAL E A SOCIEDADE DA VIGILÂNCIA.....</b>	<b>17</b>
2.1	As sociedades disciplinares e as sociedades de controle.....	19
2.2	Como as sociedades de controle se tornaram as sociedades da vigilância.....	26
2.3	Processos vigilantes na era digital.....	30
<b>3</b>	<b>A FOTOGRAFIA COMO UM DISPOSITIVO DE VIGILÂNCIA E CONTROLE.....</b>	<b>37</b>
3.1	O método Bertillon e a fotografia como documento e identificação.....	40
3.2	As transformações da fotografia na era digital.....	44
3.3	Entre o clique e o compartilhamento nas redes sociais	50
<b>4</b>	<b>INSTAGRAM: O MOSAICO DA VIGILÂNCIA?.....</b>	<b>54</b>
4.1	Projeto <i>Document Your Life</i> como catalizador de informações.....	57
4.2	A família Miller e a exposição nas redes sociais online.....	59
<b>4.2.1</b>	<b>Identificação.....</b>	<b>61</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Localização.....</b>	<b>63</b>
<b>4.2.3</b>	<b>Rotinas e hábitos.....</b>	<b>69</b>
4.3	Discussão.....	73
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>79</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em uma sala de paredes opacas, com um pequeno orifício e raios de luzes, o mundo externo foi espelhado, permitindo assim, que a visualidade fosse projetada. A câmara escura mostrou aos cientistas que o mundo poderia se tornar cada vez mais visível e “familiar”. Invenções como essas não passam despercebidas, elas transformam e incentivam a evolução, e foi assim que aconteceu com a fotografia.

Desde que foi inventada no século XIX, a fotografia se fez presente nas sociedades, acompanhando o cotidiano de diversas pessoas e sendo, sobretudo, um instrumento com capacidade para registrar e documentar as informações do mundo das mais variadas formas. O desejo de controlar as imagens que só o olho e a mente conseguiam visualizar acompanha a humanidade desde séculos passados. Para Susan Sontag (2004, p.13), “o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens”. Assim, conservar a imagem do mundo se tornou uma das principais funções da fotografia.

Com a alvorada das tecnologias da informação e comunicação e a chegada da era digital, a atividade fotográfica se disseminou, viabilizando o acesso da população a ela, seja para uso profissional ou pessoal. O digital massifica o fascínio das pessoas pela fotografia, pois permite que essa prática seja feita com baixo ou nenhum custo, através de *smartphones* e *tablets*, que contém microcâmeras fotográficas, possibilitando, assim, o registro do dia a dia e a disseminação da fotografia em todo o mundo.

Ao nos depararmos com os avanços da fotografia na era digital, também nos encontramos com a temática da vigilância, que, incidindo sobre nossas interações na *internet*, possibilita que as informações de caráter pessoal, privado ou público dos indivíduos, acessíveis por meio da rede mundial de computadores, sejam vigiadas.

As práticas de vigilância e de controle são formas de moldar espaços e seres humanos que partem de um desejo de eficiência, coordenação e padronização. Elas inspiram grande parte das sociedades. Essas práticas foram problematizadas pelos filósofos Michel Foucault (1987) e Gilles Deleuze (1992). Em seus estudos, eles apontam para a construção de formatos de sociedades que emergem de sistemas cujas características se encontram impregnadas no modo como as pessoas agem,

passando a se comportar enquanto organizações. As sociedades disciplinares e as sociedades de controle se tornam uma base importante para entender o que é hoje a sociedade de vigilância e como ela se comporta na contemporaneidade.

A vigilância, que desenvolve poder para finalidades de controle dos indivíduos, busca, na era digital, as vulnerabilidades das pessoas que utilizam tecnologias das mais diversas para se inserir no mundo atual. Identidade, localização, rotinas e hábitos são alguns exemplos de informações que vêm sendo cada vez mais capturadas, dominadas e controladas pelas práticas de vigilância na era digital, seja pelos governos, pelas empresas ou pelos próprios indivíduos, até mesmo por meio de uma simples fotografia publicada nas redes sociais *online*.

Nesta perspectiva, trabalhos científicos apontam que o mundo está cada vez mais à mercê do controle e da vigilância. Em 2013, o ex-analista da Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América (NSA), Edward Snowden, trouxe a público documentos ultrassecretos que deixavam clara a vigilância de massa americana exercida sobre cidadãos comuns. O escândalo, juntamente com outros que se seguiram, como o vazamento de dados de milhões de internautas pelo site de rede social *Facebook* em 2018, fez com que leis de privacidade fossem criadas e/ou alteradas em alguns países. Essas revelações serviram, sobretudo, para alertar as massas sobre os riscos que a privacidade de todo e qualquer cidadão corre nos dias atuais em qualquer lugar do mundo conectado em rede.

Portanto, propomos analisar como a fotografia se tornou um dispositivo de vigilância e controle na era digital, especialmente nas mídias sociais que são uma porta de entrada para coleta de dados. A importância se dá pelo fato de que novos dispositivos são utilizados para fins de vigilância, e a fotografia vem se mostrando uma peça fundamental nesse processo de monitoramento e coleta de dados. Entender essas práticas e como elas estão inseridas nesse contexto fornece uma reflexão importante para a sociedade. 53% da população mundial usa redes sociais *online*, e essas conexões permitem que os indivíduos tenham diversas ferramentas para publicarem conteúdo.<sup>1</sup> Tais práticas se tornam bastante comuns nesses espaços e fazem com que nossos dados sejam entregues a grandes empresas e até mesmo ao

---

<sup>1</sup> SOUZA, Karina. A cada segundo, 14 pessoas começam a usar uma rede social pela 1ª vez. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/a-cada-segundo-14-pessoas-comecam-a-usar-uma-rede-social-pela-1a-vez/>> Acesso em: 20 ago. 2021.

governo, gerando, assim, uma massificação de publicidades e formas de controle que agem silenciosamente sobre nossas vidas.

A fotografia, por si só, oferece uma visão sobre o outro que permite que múltiplos olhares aconteçam. A difusão de câmeras portáteis e celulares capazes de registrar imagens faz com que o repertório diversificado sobre nossas vidas tenha um monitoramento mais aprofundado, uma forma de acompanhar seu dia a dia de uma maneira mais próxima. Nesse contexto, a sociedade consciente das dimensões das práticas de vigilância poderá se policiar e refletir antes de produzir e publicar algumas fotos que dão total acesso a dados íntimos e sensíveis das suas vidas.

A partir dos principais campos do estudo – fotografia, vigilância e redes sociais *online* – a monografia se desenvolve com o objetivo de analisar a fotografia como dispositivo de vigilância e controle na era digital. No primeiro capítulo, “Era digital e a sociedade da vigilância”, discutem-se os conceitos e as reflexões das sociedades disciplinares estudadas por Michel Foucault (1987) e as sociedades de controle de Gilles Deleuze (1992), assim como também os estudos de vigilância na era contemporânea com Fernanda Bruno (2009,2013), Sérgio Amadeu da Silveira (2017), Shoshana Zuboff (2020), Izabela Domingues (2016), David Lyon (2010) e Zygmunt Bauman (2013), desenvolvem trabalhos e debates sobre visibilidade, tecnologias e vigilância.

No segundo capítulo, “A fotografia como um dispositivo de vigilância e controle”, buscamos situar a fotografia como um dispositivo de vigilância. Para isso, propomos entender a noção do termo dispositivo a partir das obras de Michel Foucault (1977) e Giorgio Agamben (2005), na busca de uma melhor compreensão sobre esse fenômeno. A discussão também aborda o processo fotográfico e suas transformações ao longo dos séculos, do judiciário como prova legal em processos criminais a uma simples fotografia publicada nas redes sociais *online*.

O terceiro e último capítulo é dedicado a um estudo de caso, que tem como objetivo entender como a fotografia, enquanto um dispositivo de vigilância e controle, atua nas redes sociais *online*. Para isso, foi analisado um perfil pessoal de uma família londrina, que expõe, sem filtros de privacidade, sua vida na rede social *Instagram*.

Assim, consideramos que a atividade fotográfica se expande para além da função de documentar as ações do dia a dia das pessoas e dos objetos do mundo. Nesse sentido, surge a seguinte pergunta de pesquisa que foi norteadora deste

estudo: Como a fotografia se tornou um dispositivo de vigilância e controle na era digital, especialmente através das redes sociais *online*, em destaque o *Instagram*?

## 2 A ERA DIGITAL E A SOCIEDADE DA VIGILÂNCIA

*“Um corpo disciplinado é a base de um gesto eficaz” – Michel Foucault (1987)*

As ocupações, as práticas e os gestos estão sempre em processo de transformação. É inegável, entretanto, que as tecnologias digitais têm provocado mudanças em ritmo acelerado em todos os aspectos da vida humana – profissionais, pessoais e, sobretudo, nas relações interpessoais. Tudo vem mudando em muito pouco tempo e a evolução não para. Para que esses avanços se propaguem, são necessárias novas tecnologias, e é por isso que a sociedade caminha ao encontro de conhecimentos cada vez mais refinados e potentes.

Embora o ritmo da tecnologização esteja acelerado, é um processo temporal e desigual. Segundo o sociólogo Manuel Castells (1999) a tecnologia não determina a sociedade e nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica (CASTELLS, 1999). De acordo com Castells:

A habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico. (CASTELLS, 1999, p. 44,45)

Se antes o mundo avançou sistematicamente após os acontecimentos das três grandes revoluções industriais ao longo dos séculos, ele tende a ir cada vez mais longe com a Quarta Revolução Industrial, nosso estágio atual de desenvolvimento tecnológico e avanços digitais, que molda a sociedade e seus modelos de negócios. Inteligência artificial, internet das coisas, cidades que se tornam inteligentes com o uso de dispositivos conectados à internet, impressoras 3D capazes de construir em tempo real objetos para o dia a dia ou materiais para um grande edifício, *big data*, e reconhecimento facial também são tecnologias associadas à Quarta Revolução Industrial (SCHWAB, 2016). Para Schwab:

Os sensores e vários outros meios de conectar as coisas do mundo físico às redes virtuais estão se proliferando em um ritmo impressionante. Sensores menores, mais baratos e inteligentes estão sendo instalados em casas, roupas e acessórios, cidades, redes de transportes e energia, bem como nos processos de fabricação. (SCHWAB, 2016, p.27).

Os microcomputadores estão se tornando excepcionalmente melhores na captura de dados do mundo físico, os softwares comandam grande parte dos setores de serviços. Um exemplo emblemático é a empresa Uber, considerada uma das maiores empresas de táxi do mundo, comandada por softwares e que não é proprietária dos veículos. A Airbnb é uma das maiores companhias de hotelaria, e assim como o Uber, também não possui hotéis, casas e pousadas.<sup>2</sup>

Esses avanços incentivados pelas tecnologias digitais alcançam vários setores da sociedade, seja na educação, flexibilizando processos de ensino por meio do acesso à internet e interação com dispositivos tecnológicos, ou no mundo do trabalho, alterando as funções que antes o ser humano era o único capaz de desempenhar e substituindo a força de trabalho por máquinas com inteligência artificial. A necessidade de inovar para fazer parte da Era digital também é uma grande questão no cotidiano do trabalho. Grandes empresas estão observando o mercado em busca de um olhar inovador para a criação de novas táticas que são necessárias para fazer parte da sociedade em rede (CASTELLS, 1999).

A Era digital consegue conectar as sociedades de uma maneira que se torna praticamente impossível se desligar e sair da rede, e quando as pessoas conseguem driblar o sistema, ainda assim, deixam rastros da sua presença. O indivíduo não faz parte de um mundo isolado, a conectividade o obriga a se adaptar para usufruir de serviços básicos, e esses serviços exigem seus dados, gerando assim, informações que possam servir para alimentar um sistema de vigilância que nos vigia 24/7 - sete dias por semana e 24 horas por dia.

Para entendermos o que é considerada a sociedade da vigilância contemporânea, é preciso voltar o olhar para a Modernidade e conhecer aspectos que contribuíram, gradativamente, para a implementação desse sistema de vigilância global.

Portanto, neste capítulo, discutem-se os conceitos e as reflexões das sociedades disciplinares estudadas por Foucault (1987) e das sociedades de controle de Gilles Deleuze (1992), como também os estudos sobre vigilância contemporânea com autores que desenvolvem trabalhos e debates sobre visibilidade, vigilância e

---

<sup>2</sup> BORNELI, Júnior. Airbnb: a maior rede de hotéis do mundo que não possui nenhum quarto de hotel. Startse, São Paulo, 6 dez. 2016. Mercado, p. 1-1. Disponível em: <<https://www.startse.com/noticia/mercado/airbnb-a-maior-rede-de-hoteis-do-mundo-que-nao-possui-nenhum-quarto-de-hotel>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

tecnologias, como Fernanda Bruno (2009,2013), Sérgio Amadeu da Silveira (2017), Shoshana Zuboff (2020), Izabela Domingues (2016), David Lyon (2010) e Zygmunt Bauman (2013).

## **2.1 As sociedades disciplinares e as sociedades de controle**

Obra de destaque na bibliografia legada pelo filósofo francês Michel Foucault é *Vigiar e Punir* (1987), voltada para entender a história do sistema penal e a filosofia do poder. Na terceira parte do livro, intitulada “Disciplinas”, aprendemos como o corpo se tornou um objeto que é manipulado, controlado, obediente e treinado pelo sistema vigente para responder em tempo hábil (FOUCAULT, 1987). Tem-se, então, na Modernidade, uma criação dos “corpos dóceis”. Foucault analisa que, nos sistemas de docilidade, não é a primeira vez que o corpo é objeto de investimentos: “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (1987, p. 163).

A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica — movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo (FOUCAULT, 1987, p. 163).

O autor pontua que, se o corpo sempre foi objeto de poder, podem-se encontrar novas técnicas de controle, pois, em primeiro lugar, não se trata de trabalhar sobre os corpos apenas como se eles fossem uma unidade indissociável, mas sim, trabalhá-los com um detalhamento nos movimentos, gestos e sua organização interna. Em segundo lugar, esse tipo de controle que é exercido sobre o corpo é totalmente voltado para uma eficácia dos movimentos: “a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais” (FOUCAULT, 1987, p. 164). O exercício se torna o foco de todo esse controle (FOUCAULT, 1987). É uma coerção constante. Para o autor:

Métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. (FOUCAULT, 1987, p. 164)

Analisando os processos disciplinares, Foucault diz que há muito tempo isso acontece e cita alguns espaços que ficaram marcados por esse tipo de processo: os

conventos, os exércitos e as oficinas. Ele avalia que as disciplinas se tornaram fórmulas gerais de dominação nos séculos XVII e XVIII.

Diferentemente do “encarceramento” da prisão da massa e dos miseráveis, o colégio e os quartéis configuram uma forma de dominação diferente e constante, que Foucault bem analisou. A forma geral da dominação é diferente de outros processos mais representativos de uma prisão, como é o caso da escravidão que tem uma relação violenta e de opressão, diferente também da domesticidade que se estabelece ao “capricho” do patrão (FOUCAULT, 1987).

O corpo humano se torna, segundo Foucault, uma “anatomia política” e uma “mecânica do poder” define como se pode ter domínio sobre os outros, para que não façam o que querem, mas para que operem como se quer, utilizando as técnicas necessárias para se ter a eficácia e a rapidez que se determina (FOUCAULT, 1987). A disciplina fabrica indivíduos que possam entregar para o Estado uma obediência, precisão, e formas de se proteger de revoltas contra o governo. Corpos treinados para serem úteis. Foucault diz:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. (FOUCAULT, 1987, p.164)

Entendendo a nova função do corpo percebida por Foucault, bem como sua função no exercício de controle, é possível perceber que existe uma organização no espaço, nomeada pelo autor como “a arte das distribuições”. Essa distribuição faz com que os indivíduos sejam colocados em espaços específicos por meio de técnicas. “A disciplina às vezes exige a ‘cerca’, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo” (FOUCAULT, 1987, p.168). Neste sentido, a partir dos exemplos que o filósofo (1897) cita sobre os colégios e os quartéis, tem-se uma dimensão desses espaços que servem para modelar os corpos dos indivíduos. O colégio representando um modelo de prisão, não aquela que pune e que aprisiona e que é conhecida popularmente como o destino para pessoas que praticam crimes na sociedade, mas uma prisão que molda os indivíduos para se encaixarem na sociedade. O colégio também pune, mas de uma maneira quase que invisível, tem-se a grade que representa uma prisão, tem-se um mestre que diz o que é certo e errado e um plano de ensino para se seguir em um cronograma determinado.

O colégio configura-se como um ambiente que serve para exemplificar a ideia disciplinar, tanto em sua disposição física, como em seu mecanismo de disciplinarização e sua organização hierárquica, como também com práticas de vigilância constante, favorecendo a construção dos “corpos dóceis” para a sociedade. A disciplina exige um espaço específico para que suas práticas sejam aplicadas. Nesse espaço, os corpos são constantemente vigiados para que se tenha a visão e o controle dos seus atos, assim, são medidas suas qualificações e se procede ao perfeito enquadramento dos indivíduos ao sistema disciplinar. Trazendo o colégio como um espaço de poder disciplinar que se assemelha com a ideia e o ambiente da prisão, Foucault diz que o colégio deve ser dividido através de séries e classes, nesse sentido:

Determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. (FOUCAULT, 1987, p. 173).

Colocar os alunos em fileiras, definir a carteira que cada um vai se sentar no ano letivo vigente e exigir o uso do fardamento escolar são estratégias que têm como objetivo garantir e marcar o estudante, o qual, seguindo essas condições à risca, não passará despercebido enquanto estiver fora do ambiente escolar, seja na ida ao cinema em um horário de aula, ou até simplesmente caminhando na rua. Enquanto ele estiver vestindo a farda, que se pode analisar simbolicamente como um carimbo, será monitorado e vigiado pela sociedade como uma pessoa que não está cumprindo suas obrigações enquanto estudante. Recai sobre ele a ideia de controle. A farda se torna um tipo de tornozeleira eletrônica usada em criminosos e, para evitar essa exposição, os alunos precisam garantir uma obediência e seguir as regras que a instituição aplica. Foucault (1987, p. 174) diz: “Trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo; trata-se de lhe impor uma ‘ordem’”.

A comparação do espaço do colégio, onde se exerce poder sobre os corpos dóceis, com o da prisão, acaba desvelando um modelo de arquitetura pensada cuidadosamente e distribuída para se obter uma visualização ampla de tudo e de todos. A sala da diretoria geralmente fica em uma posição em que se pode ver as outras salas, assim como o refeitório e demais espaços do colégio permitem a observação de quem entra e quem sai. Ao entrar em vários ambientes de ensino, a primeira coisa que se localiza é a direção e a secretária, ali está o poder maior daquele

ambiente. Existe, assim, uma relação direta com o projeto arquitetônico do filósofo e jurista Jeremy Bentham, o Panóptico, também estudado por Foucault em *Vigiar e Punir* (1987).

O panoptismo é uma característica das prisões, mas certamente se faz presente em outras instituições, é um modelo que tudo vê e não se sabe quem e quando se observa. Sobre o Panóptico de Bentham, Foucault diz:

O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. (FOUCAULT, 1987, p.223)

No Panóptico de Bentham, a visibilidade e a vigilância são constantes, “ver sem parar e reconhecer imediatamente” (Foucault, 1987, p.224). O prisioneiro sabe que pode estar sob a vigilância da torre central, mas não sabe ao certo se está sendo, de fato, observado em determinado momento. Essa dúvida e alerta faz com que ele fique preso em um grande dilema, assim, é “forçado” a ter um comportamento regulado por conta desse modelo de sistema. Foucault reflete que:

Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores. Para isso, é ao mesmo tempo excessivo e muito pouco que o prisioneiro seja observado sem cessar por um vigia: muito pouco, pois o essencial é que ele se saiba vigiado; excessivo, porque ele não tem necessidade de sê-lo efetivamente (FOUCAULT, 1987, p.224-225).

A disciplina precisa de uma vigilância constante para, assim, domar os corpos e transformá-los em corpos dóceis. A ideia é não haver falhas, então qualquer erro passa a ensejar punições para imposição e reafirmação da disciplina, enquanto os acertos são recompensados com um bônus, criando um sistema que distingue os melhores dos piores. A disciplina funciona para além desses espaços fechados e institucionalizados. Escolas, presídios, quartéis e hospitais são apenas exemplos legítimos analisados por Michel Foucault em *Vigiar e Punir* (1987).

A disciplina tem toda capacidade de fluir e se adaptar. Implantar a disciplina em pontos chaves da formação dos indivíduos, como escola e exército, faz com que a

disciplina nunca pare de crescer e fortalecer o Estado. “Corpos dóceis” obedecem e não causam grandes problemas. Contudo, como outros sistemas tiveram seus dias contados, as sociedades disciplinares também não ficariam de fora das mudanças, adaptações, a emergência de novas formas de agir e pensar.

Assim como outras sociedades e sistemas foram substituídos em razão das transformações do mundo, a sociedade disciplinar também teria seu “fim”, dando espaço para um novo modelo, a chamada sociedade de controle, que surge “em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitaram depois da Segunda Guerra Mundial: sociedades disciplinares é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser” (DELEUZE, 1992, p.219). Sobre essa passagem entre as duas sociedades, a partir de uma crise que se generalizou nos meios de confinamento, Domingues (2016) reflete:

No início da década de 1990, Deleuze já preconizava que a sociedade ocidental tenderia a uma crise generalizada dos meios de confinamento, da prisão ao hospital, passando pela fábrica, pela escola e até pela família, considerada um “interior” em crise como todos os outros. Em consequência, reformas de toda ordem são anunciadas nas escolas, nas indústrias, nos exércitos, nos hospitais e nas prisões pelas instituições competentes. (DOMINGUES, 2016, p.83)

As grandes indústrias, que tiveram destaque na sociedade disciplinar e emergiram com força no século XIX, passaram a perder forças em meados do século XX, pois as práticas disciplinares já não funcionavam muito bem. Algumas transformações fizeram com que aspectos do nosso modo de viver fossem modificados depois da Segunda Guerra Mundial, especialmente essa passagem entre um tipo de sociedade e outro. Agora, nosso modo de agir segue em um novo sistema, superando, em parte, o regime fechado e obediente que molda o outro para que se enquadre (DOMINGUES, 2016).

A crise nos meios de confinamento herdada de uma sociedade disciplinar acontece praticamente em todos os espaços característicos da era disciplinar: o colégio, a fábrica, o hospital e a prisão, e até mesmo a família. Deleuze (1992, p. 219) avalia que: “A família é um ‘interior’, em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional etc.”. Esses espaços passam constantemente por reformas na sociedade de controle.

Portanto, as antigas disciplinas que operavam basicamente em um sistema fechado dão espaço para lugares abertos. A sociedade disciplinar fazia uso do tempo

geralmente predeterminado, com começo, meio e fim; já a sociedade de controle segue um padrão duradouro, não possui limites, o tempo é fluido e contínuo, tudo se prolonga e se adia (DOMINGUES, 2016). As sociedades disciplinares se utilizavam de espaços fechados para conseguir moldar os corpos, dominar e controlar.

Os confinamentos são moldes, distintas moldagens, mas os controles são uma modulação, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro (DELEUZE, 1992, p.220)

Deleuze (1992) fala da questão do salário e diz que, diferente da sociedade disciplinar que era uma forma de garantia social, agora ele é uma forma de modulação, pois cada salário remete a uma distribuição de saberes na sociedade de controle. Ainda segundo Deleuze, a fábrica, que era um corpo preocupado apenas com o alto índice de produção e o mais baixo possível dos salários, é substituída no mundo do controle pela figura da empresa, a qual não representa um corpo, mas uma alma, um gás, construindo desafios lúdicos para garantir uma modulação:

O princípio modulador do “salário por mérito” tenta a própria Educação nacional: com efeito, assim como a empresa substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame. Este é o meio mais garantido de entregar a escola à empresa. (DELEUZE, 1992, p. 220)

Nos dias de hoje, a empresa busca formas de premiação, e impõe uma modulação de salários, enquanto os empregados são colocados em desafios, concursos e sempre estão atrás de bônus, criando assim, cada vez mais, um sistema de individualização e aumento na produtividade, pois o empregado que se sente em um ambiente competitivo busca na maioria das vezes se destacar para não ficar para trás e perder espaço para outro funcionário que tem o mesmo objetivo. Os corpos são confinados em um tempo que não descansa, cada segundo é importante e precioso.

Domingues aponta que “há, da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, uma mudança na forma de vigiar e comandar as pessoas” (2016. p.87). De fato, na concepção de Foucault, o panóptico vigiava as pessoas fisicamente, já na sociedade de controle essa vigilância passou a ser imposta virtualmente. De acordo com Barichello e Moreira (2015, p. 67) “para melhor conhecer é preciso bem vigiar, e a efetividade da vigilância depende do entrecruzamento de formas de vigilância e de informações. Assim, forma-se um saber sobre o outro”. Segundo Deleuze, no mundo do controle, nossos registros não são mais uma assinatura, são uma cifra, um código que diz quem somos:

A cifra é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se "dividuais", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "bancos"(DELEUZE, 1992, p. 221-222).

Essa cifra, que é um código, representa quem somos na sociedade de controle. A cifra vai além da mera combinação de números, letras e símbolos, mas formam uma cifra única com a qual o indivíduo é identificado, o que representa uma segurança mais sólida.

A assinatura na sociedade de controle não tem um valor tão importante como na sociedade disciplinar. Segundo Costa (2004, p.162), “a assinatura é produzida pelo indivíduo, enquanto o código é produzido pelo sistema para o indivíduo” (*apud* DOMINGUES, p.78). É o sistema quem nos fornece e nos carimba com um código que não precisa ser verificado constantemente, como era com a assinatura na sociedade disciplinar. Uma cifra que identifica o indivíduo e que, caso deixe de ser aceita ou reconhecida pelo sistema, vai privá-lo da sua própria identidade social. Os sistemas nos dão os passos mais curtos e, ao mesmo tempo, podemos cair em um buraco mais profundo.

Passamos a viver, então, relações sociais mediadas constantemente, por modulações, o surf a que Deleuze se refere. Como essas mediações acontecem baseadas em cifras, há sempre a possibilidade dessas cifras serem reconhecidas ou não, aceitas ou recusadas, o que coloca os indivíduos em um contínuo de imprevisibilidade em relação ao que pode acontecer nas mais variadas circunstâncias: ter seu pagamento no débito em conta aceito ou não, ter sua senha reconhecida pelo sistema do banco ou não, entre tantas situações vivenciadas cotidianamente (DOMINGUES, 2016, p.90)

Os dispositivos de poder que, nas sociedades disciplinares ficavam restritos aos espaços fechados (e.g.: colégio, quartel, prisão, hospital), passaram a adquirir uma fluidez, fazendo com que tenham acesso para atuar em todo lugar na sociedade de controle. Deleuze cita uma metáfora para exemplificar esses dois tipos de sociedades: as figuras do buraco da toupeira e da serpente. E nos ensina: “os anéis de uma serpente são ainda mais complicados que os buracos de uma toupeira” (Deleuze, 1992, p. 230).

O buraco da toupeira representa a sociedade disciplinar, que tem seus moldes fechados e definidos com padrões, tornando-se mais fácil de identificar e, assim, se livrar; já os anéis de uma serpente representam a sociedade de controle, que, por agir em espaço aberto, controla a sociedade com diversos formatos, sempre trocando de

pele e envolvendo os indivíduos em qualquer lugar, a todo instante, dificultando sua identificação e a resistência às suas restrições.

## **2.2 Como as sociedades de controle se tornaram as sociedades da vigilância**

Na história das sociedades, as máquinas tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento industrial e, conseqüentemente, para os avanços tecnológicos de cada época. Deleuze (1992) fala que as antigas sociedades de soberania maneжaram máquinas manuais, com alavancas, roldanas e relógios, enquanto as sociedades disciplinares mais recentes desenvolveram outros tipos de máquinas, usando fontes energéticas como diferencial. Contudo, as sociedades de controle partem de um outro ponto, operando máquinas de informática e computadores (DELEUZE, 1992).

Máquinas cada vez mais sofisticadas com tecnologias de ponta conseguem ter grandes capacidades de armazenamentos de dados. Então surge a *internet*, inicialmente com objetivos particularmente militares para facilitar uma comunicação interna entre os Estados Unidos e suas bases e, depois, popularizando-se na década de 1990, ao incorporar os dados estruturados (grafos, planilhas, tabelas) e também os dados não estruturados (imagens, textos e sons). As informações são geradas e disponibilizadas simultaneamente todos os dias, em uma progressão geométrica, de modo que, conforme matéria do site TecMundo<sup>3</sup>, 90% dos dados do mundo todo foram produzidos na última década.

Essas novas máquinas que produzem e armazenam dados são as portas de entrada para se desenvolver e manter uma sociedade de controle ativa, que opera também por meio de um sistema interconectado da era da informação. Conforme Domingues (2016, p. 87): “nenhuma forma de poder parece ter atingido um grau de sofisticação tão grande quanto aquela que regula os elementos imateriais de uma sociedade: a informação, o conhecimento e a comunicação”. É na sociedade de controle que se passa a rastrear os padrões de comportamentos dos indivíduos. Se antes era a interceptação de mensagens que demonstrava maior atenção dos estudiosos, agora é o rastreamento dos indivíduos que ganha destaque (COSTA in CRUZ apud DOMINGUES, 2016). Cada passo na sociedade de controle é contado e

---

<sup>3</sup> ZARUVNI, Reinaldo. Metade dos átomos da Terra podem ser de dados digitais em 2245. Tecmundo, Brasil, p. 1-1, 5 set. 2020. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/internet/177330-metade-atomos-terra-dados-digitais-2245.htm>> Acesso em: 07 set. 2020

devidamente registrado. A vigilância é constante e se molda em diversos lugares para uma melhor atuação.

“Há, da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, uma mudança na forma de vigiar e comandar as pessoas. Naquela, a vigilância estava atrelada ao confinamento e as preocupações físicas eram inerentes a esse quadro. Vigiar significava regular os passos das pessoas, estava, inevitavelmente, atrelado ao olhar. Com o *boom* das comunicações, o trânsito das mensagens e a vigilância sobre elas se intensificam. (DOMINGUES, 2016, p. 87).

Para Costa (in CRUZ apud DOMINGUES, 2016, p 87), “vigiar passa a significar, essencialmente, interceptar, ouvir, interpretar”. Com a grande quantidade de informações coletadas dos indivíduos e o rastreamento por meio dos dados, faz-se necessário falar de uma sociedade de vigilância que age através de dispositivos diversos. Bruno (2009) trabalha com o termo vigilância distribuída como um dos exemplos para se entender a vigilância na contemporaneidade.

Em linhas breves, trata-se de uma vigilância que tende a se tornar incorporada a diversos dispositivos, serviços e ambientes que usamos cotidianamente, mas que se exerce de modo descentralizado, não hierárquico e com uma diversidade de propósitos, funções e significações nos mais diferentes setores: nas medidas de segurança e circulação de pessoas, informações e bens; nas estratégias de consumo e marketing; nas formas de comunicação, entretenimento e sociabilidade; na prestação de serviços etc. (BRUNO, 2009, p. 2).

Com a disseminação da vigilância na sociedade contemporânea, proveniente de uma sociedade de controle, é perceptível que a vigilância se instala em muitos lugares que não necessariamente foram projetados com o objetivo de vigiar, , por exemplo, a publicidade, o GPS (sistema de posicionamento global por satélite), alguns bancos de dados estatais governamentais, que foram criados para facilitar ações burocráticas e até mesmo as redes sociais *online*, que, embora não tenham sido criadas com fins de vigilância, tornam-se um dos principais focos de monitoramento e vigilância nas sociedades de controle e, conseqüentemente, nas sociedades de vigilância contemporânea. Bruno (2009) nos ensina que:

No seio dessa vigilância ‘para todos’, há uma variedade de focos possíveis, pois não se vigiam ou monitoram apenas indivíduos ou grupos, mas informações, transações eletrônicas, comportamentos, hábitos e rastros no ciberespaço, comunicações, fluxos de corpos anônimos no espaço urbano etc. (BRUNO, 2009, p.03).

A vigilância distribuída, de acordo com Bruno (2013), segue um processo reticular, ou seja, em formato de rede, possibilitando à vigilância agir por meio de diversos dispositivos sem limitações, seja nos rastros que o ciberespaço deixa, nas comunicações e nos próprios indivíduos. A vigilância distribuída mencionada por

Bruno (2009, 2013) não segue o famoso formato de Jeremy Bentham, o *panóptico*, que é próprio de um sistema hierarquizado e disciplinar, atuando de forma centralizada para vigiar determinadas pessoas, mas, sim, modelos modernos descentralizados, que são capazes de atuar em lugares e dispositivos diversificados. A vigilância contemporânea assume esse lugar onde todos vigiam e são vigiados. Para Bruno, Kanashiro e Firmino (2010):

Os dispositivos participam ativamente desses múltiplos e concorrentes modos de fazer ver e de ser visto em nossas sociedades e os articulam com procedimentos mais ou menos explícitos de monitoramento, identificação, controle, coleta e produção de informações sobre os indivíduos e suas ações. (BRUNO; KANASHIRO; FIRMINO, 2010, p.08)

A vigilância é diversificada e seu campo de atuação é vasto. As práticas das sociedades de vigilância fazem parte do dia a dia dos indivíduos, e as consequências, até mesmo os benefícios, são amplamente discutidos no mundo acadêmico e nas redes sociais *online*, onde a notícia sobre privacidade de dados, vigilância e temas relacionados conseguem alcançar uma grande quantidade de pessoas diariamente.

David Lyon (2010) reflete sobre algumas questões voltadas para o uso descontrolado das práticas de vigilância na sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que as pessoas também demonstram uma preocupação com a privacidade, embora ainda exista uma grande despreocupação dos indivíduos em relação ao modo como a vigilância vem se envolvendo no dia a dia dos indivíduos. Para Lyon (2010), após os ataques que causaram a destruição das Torres Gêmeas do *World Trade Center*, em 11 de setembro de 2001, as formas de vigilância se tornaram mais aceitas e passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, principalmente dos norte-americanos. Para Lyon (2010) essa “aceitação” se dá justamente pela ideia que a mídia passa sobre as tecnologias de vigilância oferecerem uma determinada segurança, ainda mais após um país inteiro, os Estados Unidos, sofrerem ataques de uma proporção gigantesca e não conseguirem desviar do ocorrido a tempo de evitar a tragédia. Lyon (2010, p. 116) pondera que “parece existir uma crença reinante de que soluções tecnológicas são apropriadas e funcionam mesmo não tendo funcionado na manhã do 11 de setembro”.

De acordo com Lyon (2010), a vigilância funciona, atualmente, com base nos dados pessoais armazenados em bases centrais, que têm sido utilizados e transformados em dispositivos de segurança em vários locais, como, por exemplo, os aeroportos, principalmente depois do atentado às Torres Gêmeas (LYON in BRUNO

et al (org.), 2010, p.116). A partir de então, mais do que nunca, novos sistemas de vigilância passaram a ser desenvolvidos e atualizados pelo mundo todo, com a justificativa retórica de proteção de todos os indivíduos. Esses sistemas de vigilância identificam os indivíduos, monitoram, rastreiam, analisam e implementam quaisquer outras ações que sejam relevantes para o Estado ou outros atores sociais interessados neste tipo de controle.

As iniciativas mais proeminentes são tecnológicas. Elas prometem revelar a grupos que detêm o poder mais detalhes sobre o comportamento, predisposições, rastros transacionais e características aparentemente triviais (como a maneira de caminhar, a partir de CFTV - Circuito Fechado de Televisão). (LYON in BRUNO et al (org.), 2010, p.121-122).

É nesse sentido que Lyon (2010) reflete sobre o sistema panóptico, onde poucos observam muitos, como modelo de disciplina moderna, enquanto, em contrapartida, têm-se o processo complementar, chamado por Thomas Mathiesen de Sinóptico, onde muitos observam poucos. Lyon (2010, p. 137-138) não vê uma substituição do panóptico pelo sinóptico, mas, sim, uma união em que trabalham em conjunto:

O sinóptico ajuda a justificar o panóptico, que por sua vez produz algumas de suas imagens mais evidentes. A ideia do panóptico deve ser preservada em estudos da vigilância porque ajuda a destacar um aspecto chave da vigilância hoje – a classificação social e a discriminação digital por meio de bases de dados rastreáveis. Essas bases de dados rastreáveis são básicas para a intensificação de formas integradas de vigilância após o 11 de Setembro (LYON in BRUNO et al (org.), 2010, p. 138).

Embora exista uma preocupação na academia com a utilização do conceito do panóptico, advindo da Era Moderna, para buscar respostas para entender a vigilância contemporânea, a ideia da torre central que observa os indivíduos confinados sem uma observação recíproca é ainda algo bastante presente nas práticas de vigilância. O sinóptico representa um processo oposto ao panóptico, com uma visão de muitos vigiando poucos, tornando-se tão importante quanto esse, principalmente com o crescimento das mídias digitais, que possibilitam uma variedade de ações, seja em um sistema panóptico, sinóptico ou até mesmo em comunhão. Com a *Internet* e, em especial as redes sociais *online*, todos têm a possibilidade de serem vigilantes e/ou vigiados.

Após o 11 de Setembro de 2001, Lyon (2010) percebe uma mudança muito significativa na forma como a sociedade passa a lidar com a vigilância. Eventos trágicos não pararam de acontecer em todo o mundo, alimentando o desejo nas pessoas de se sentirem seguras acima de tudo. Neste sentido, os indivíduos tendem

a permitir que, em nome da “segurança”, os seus próprios dados sejam coletados para diversos fins, e muitos desses dados se transformam em minérios valiosos para grandes empresas extraírem informações monetizáveis dos indivíduos.

### 2.3 Processos vigilantes na era digital

Em 21 de janeiro de 2021, o Tecnoblog publicou uma reportagem exclusiva sobre um vazamento de dados de 220 milhões de brasileiros. De acordo com o site Agência IBGE Notícias, em 27 de outubro de 2020 o Brasil contava com 211,8 milhões de habitantes. A disparidade entre esses números se explica porque os dados que foram vazados aparentemente contêm informações de pessoas que já faleceram.

De acordo com o Tecnoblog, os dados presentes no vazamento incluem CPF, RG, foto de rosto, endereço, telefone, e-mail, score de crédito, classe social, vínculo familiar, Receita Federal, título de eleitor e outras informações pessoais de cada indivíduo. Esses dados ficaram disponíveis em alguns fóruns da *internet* aberta e estavam sendo vendidos. Os preços por CPF variavam entre US\$ 0,075 a US\$ 1 e o pagamento só era aceito em bitcoin<sup>4</sup>. Esse vazamento ganhou destaque nas redes sociais *online*, e, com isso, reacendeu o debate sobre a vigilância dos indivíduos.

Apelidado por muitos usuários das redes sociais como “vazamentos de dados do fim do mundo”, a preocupação com a privacidade se tornou eminente, principalmente quando escândalos de vazamentos viram notícia nas grandes mídias de massa. Os comentários nas redes sociais são diversos, mas a maioria converge para uma grande questão: o que se pode fazer para evitar o máximo possível a vigilância?

Por outro lado, os indivíduos estão cada vez mais presentes nas mídias digitais e compartilhando, de forma consciente ou não, os próprios dados nas mais diversas redes sociais *online*. A figura 1 mostra os comentários dos leitores do site Tecnoblog referentes à reportagem sobre os vazamentos dos dados de 220 milhões dos brasileiros. Nos comentários, nota-se que existe uma certa preocupação acerca do

---

<sup>4</sup> Bitcoin é uma criptomoeda descentralizada, sem banco central ou administrador único, que pode ser enviada de usuário a usuário na rede bitcoin ponto a ponto sem a necessidade de intermediários. O Bitcoin surgiu em 2008 como uma resposta à crise financeira, com a ideia de substituir o dinheiro físico que usamos e, principalmente, tirar a necessidade de intermediação dos bancos nas operações financeiras. Mais informações disponíveis em: <<https://www.infomoney.com.br/cotacoes/bitcoin-btc/>> Acesso em: 14 jul. 2021.

vazamento entre os leitores, entretanto, essa preocupação tende a ser um ponto fora da curva.

Figura 1: Comentários dos internautas no site Tecnoblog



Fonte: tecnoblog.net. 30 jan. 2021

De acordo com Bruno (2010), muitos desses dados disponíveis são divulgados voluntariamente pelos usuários, em postagens em blogs, dados de perfis e trocas de mensagens em redes sociais *online*. Tais ações potencializam outros meios de vigilância (BRUNO, 2010, p.123). A vasta quantidade de dados produzidos pelos indivíduos no mundo digital colabora com um mix de sentimentos, principalmente a preocupação, muitas vezes momentânea, com a violação da privacidade.

Segundo Bauman (2013, p.33), “um segredo, tal como outras categorias de propriedades pessoais, é por definição a parte do conhecimento cujo compartilhamento com outros é recusada, proibida e/ou estritamente controlada”. O segredo é um bem valioso, um lugar exclusivo e de domínio único da própria pessoa.

Uma das características centrais das redes sociais *online* é a troca constante de informações entre os usuários. A falta de garantia à privacidade provoca inseguranças para os indivíduos agirem espontaneamente, em última instância, para serem eles mesmos. Em alternativa, os indivíduos sentem-se felizes em mostrar nas redes sociais *online* as conquistas e até mesmo a sua própria solidão. Bauman (2013) observa que:

Nos dias de hoje, o que nos assusta não é tanto a possibilidade de traição ou violação da privacidade, mas o oposto, o fechamento das saídas. A área da privacidade transforma-se num lugar de encarceramento, sendo o dono do espaço privado condenado e sentenciado a padecer expiando os próprios erros; forçado a uma condição marcada pela ausência de ouvintes ávidos por extrair e remover os segredos que se ocultam por trás das trincheiras da privacidade, por exibi-los publicamente e torná-los propriedade comum de todos, que todos desejam compartilhar. (BAUMAN, 2013, p.34)

A ideia de não compartilhar a vida privada com os seguidores pode provocar um sentimento exaustivo no indivíduo, que, embora tenha medo de compartilhar a vida privada na internet, cede à necessidade de se exibir, pois a “ausência dos ouvintes” muitas vezes traz um incômodo insuportável em tempos tão confusos e solitários. Essas necessidades geram consequências. A vida íntima carregada de segredos entra em crise quando o muro da privacidade se torna frágil. Já a vida compartilhada na mais ampla abertura se torna comum no mundo do exibicionismo.

Segundo Bruno (2013), a potencialização da exposição dos indivíduos na internet alimenta vários bancos de dados, o que, por conseguinte, vivifica o mercado publicitário e as plataformas de serviços. Nesse sentido:

Ao mesmo tempo que as possibilidades de expressão e ação individual e coletiva são potencializadas, dispositivos de monitoramento e captura de dados dos usuários se tornam cada vez mais presentes nestas mesmas plataformas e redes, tendendo a integrar seus próprios parâmetros de funcionamento e eficiência. Sob o fluxo visível das trocas e conversações sociais, constitui-se um imenso, distribuído e polivalente sistema de rastreamento e categorização de dados pessoais que, por sua vez, alimenta estratégias de publicidade, segurança, desenvolvimento de serviços e aplicativos, dentro e fora destas plataformas (BRUNO, 2013, p.09).

As empresas se apossam dos dados que os usuários disponibilizam muitas vezes voluntariamente na internet. Assim, criam enormes bancos de dados que são processados e trabalhados para servirem como ponte entre o indivíduo e a empresa. Os passos dos indivíduos são acompanhados através de rastreadores como *cookies*, uma tecnologia instalada em navegadores na *web* (*Chrome, Safari, Internet Explorer, Firefox*), que permite a coleta das ações do usuário em qualquer página na *web* que contenha tal *cookie*. Os *cookies* solicitam a permissão aos usuários para melhorar a experiência, fazendo com que anúncios personalizados nas redes sociais e em diversos sites da internet sejam algo comum e constante (BRUNO, 2013).

Para falar em coleta de dados, é necessário entender um conceito muito importante no mundo da tecnologia, o *Big Data*<sup>5</sup>. De acordo com Akerkar (2014):

---

<sup>5</sup> “Grandes Dados” em tradução livre.

O termo Big Data se refere a conjuntos de dados cujo tamanho está além dos recursos da tecnologia de banco de dados atual. É um campo emergente onde a tecnologia inovadora oferece alternativas para resolver os problemas inerentes que surgem ao trabalhar com dados massivos, oferecendo novas formas de reutilizar e extrair valor da informação (AKERKAR, 2014, p.IX, tradução nossa).<sup>6</sup>

Essa produção gigantesca de dados só pode ser processada por grandes máquinas que possuem capacidade para suportar um volume imenso de informações de várias fontes. A estrutura dos dados no *big data* é dividida em dados estruturados, que comporta os dados rígidos em grandes tabelas; os dados não estruturados, que são dinâmicos e flexíveis e vêm em sua grande maioria das redes sociais *online*; e, por último, os dados semiestruturados, que são basicamente a mistura dos dois acima.

O *big data* e o futuro desejado por muitos andam juntos. Para Amadeu (2017, p. 39): “*big data* e a mineração de dados estão permitindo criar tecnologias preditivas, possibilidades de previsão ou antecipação do futuro e isso depende da liberação de dados pessoais para o tratamento pelo governo e pelas empresas.” Neste cenário de inovações tecnológicas, advindas da quarta revolução industrial (SHWAB, 2016), onde microcomputadores são produzidos e vendidos para, a princípio, facilitar as tarefas humanas e, conseqüentemente, as ações dos governos e das grandes empresas, tem-se microcomputadores que produzem uma grande quantidade de dados pessoais, os quais são coletados em dispositivos pequenos, como, por exemplo, a Alexa, uma inteligência artificial com a função de assistente pessoal, produzida e vendida pela Amazon, uma rede de varejo global, considerada *big tech* contemporânea. Com a imensa quantidade de dados sendo produzidos e processados todos os dias, é perceptível que a vigilância se entrelaça com a vida das pessoas e avança cada vez mais sobre as suas intimidades, deixando a privacidade dos indivíduos nas mãos de quem detém o poder sobre eles, que é adquirido e ampliado justamente através dos dados coletados.

No artigo “*Big Other: Capitalismo de Vigilância e Perspectivas para uma Civilização de Informação*”<sup>7</sup>, Zuboff (2018) dissecou os aspectos detalhados de um

<sup>6</sup> No original: “*The term Big Data refers to data sets the size of which is beyond the capabilities of current database technology. It is an emerging field where innovative technology offers alternatives in resolving the inherent problems that appear when working with massive data, offering new ways to reuse and extract value from information*”.

<sup>7</sup> Artigo publicado em 2015 na Journal of Information Technology. Foi traduzido pela primeira vez no Brasil no livro “Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem”, organizado por Fernanda Bruno, Bruno Cardoso, Marta Kanashiro, Luciana Guilhon e Lucas Melgaço em 2018 pela editora boitempo.

novo regime econômico no qual o foco do poder é concentrado nas grandes empresas da tecnologia, como *Google, Facebook, Amazon e Microsoft*. Esse novo regime é chamado pela autora de Capitalismo de Vigilância. A autora (2018) discute o conceito de *big data* no âmbito social:

Neste artigo, adoto uma abordagem diferente, na qual a big data não é uma tecnologia ou um efeito tecnológico inevitável. Tampouco é um processo autônomo, como Eric Schmidt e outros querem que acreditemos. A big data tem origem no social, e é ali que devemos encontrá-lo e estudá-lo. Explorarei então a proposta de que a big data é, acima de tudo, o componente fundamental de uma nova lógica de acumulação, profundamente intencional e com importantes consequências, que chamo de capitalismo de vigilância (ZUBOFF in BRUNO et al (org.), 2018, p.18).

As consequências da *big data* provocam uma infinidade de ações que se desenvolvem no âmbito da vigilância e atingem todo o mundo, independentemente do indivíduo se importar ou não com os próprios dados. O “*Big Other*” (O Grande Outro) mencionado por Zuboff (2018) tem o poder de modular a maneira como o indivíduo utiliza a *internet* e até mesmo as ações fora do ambiente digital, com um grande objetivo: mercantilizar os dados para alimentar um novo sistema de domínio, o capitalismo de vigilância. Tudo isso graças à coleta de dados pessoais, o *small data*<sup>8</sup>, e eventualmente o grande armazenamento e processamento desses dados, o *big data*. Zuboff explica que:

O big data é constituído pela captura de small data, das ações e discursos, mediados por computador, de indivíduos no desenrolar da vida prática. Nada é trivial ou efêmero em excesso para essa colheita: as “curtidas” do Facebook, as buscas no Google, e-mails, textos, fotos, músicas e vídeos, localizações, padrões de comunicação, redes, compras, movimentos, todos os cliques, palavras com erros ortográficos, visualizações de páginas e muito mais. Esses dados são adquiridos, tornados abstratos, agregados, analisados, embalados, vendidos, analisados mais e mais e vendidos novamente (ZUBOFF in BRUNO et al (org), 2018, p. 31-32)

Se, nas sociedades disciplinares e nas sociedades de controle, as práticas de vigilância ganharam destaque, é nas sociedades de vigilância que o sistema vigilante domina todos aqueles que não conseguem ou não querem preservar a própria privacidade. Com o avanço de tecnologias como o *big data*, o *Big Other* (ZUBOFF, 2018) ganha forças, tornando-se difícil medir a dimensão do impacto que essas ações vigilantes podem causar em cada indivíduo e os danos a curto e longo prazo que

---

<sup>8</sup> Em tradução livre: “pequenos dados”. Em resumo, o *small data* é uma parte do *big data* que lida com pequenos dados dos indivíduos.

essas ações apresentam para uma sociedade democrática, que tem como um dos pilares a liberdade dos indivíduos e o direito à preservação de sua privacidade.

Muitos são os processos que alimentam as práticas da vigilância na sociedade contemporânea. Com o advento das tecnologias e dos grandes feitos da Quarta Revolução Industrial, é comum encontrar máquinas com a capacidade de vigiar e exercer controle sobre os indivíduos.

Este monitoramento sorrateiro, próprio das sociedades de controle, faz hoje parte das nossas vidas, cada vez mais intensamente, através do uso que fazemos e dos rastros que deixamos nas redes sociais na internet.. Novas redes sociais digitais surgem todos os anos e, com esse crescimento constante, milhões de pessoas criam seus perfis em muitas delas. Estes são administrados e alimentados com conteúdos pessoais atualizados em tempo real, o que faz as pessoas dedicarem um tempo significativo a elas.

O mundo se torna mais e mais conectado com o passar dos anos e o desenvolvimento das tecnologias, plataformas e mídias digitais. Cada vez menos, será possível pensar em um mundo desconectado. Estamos interligados uns aos outros: mesmo quando não queremos fazer parte dessa conectividade, somos “obrigados” para usufruirmos de oportunidades básicas. E, nesse universo das mídias sociais com o qual nos relacionamos mais e mais intensamente, dedicando horas e horas dos nossos dias e noites, a fotografia se torna um meio de exposição do “eu” e da “intimidade”.

O poder atravessa a modernidade e nos acompanha até hoje fazendo uso das relações entre ver e ser visto. A fotografia surge então como um instrumento com poder de representar visualmente a sociedade e seus elementos. Durante muito tempo, a fotografia era restrita a pequenos grupos e até mesmo as próprias limitações técnicas.

Porém, com a superação de limites trazida graças ao avanço tecnológico, a captura de imagens passou a dominar os ambientes das redes sociais *online*. Nesse contexto, a fotografia serve, sobretudo, para revelar momentos importantes dos indivíduos, mas ao mesmo tempo, para alimentar as práticas vigilantes que já atuavam fortemente desde a modernidade, através das sociedades disciplinares, se intensificando e se aprimorando na sociedade de controle.

Assim, nota-se que a fotografia tem um grande potencial para se comportar como um dispositivo de vigilância e controle nas redes sociais digitais. Para debater essas

questões, o próximo capítulo se debruça sobre a evolução da fotografia ao longo dos anos, analisando de que maneira ela vem se adaptando para acompanhar os avanços industriais e sociais do mundo.

### 3 A FOTOGRAFIA COMO UM DISPOSITIVO DE VIGILÂNCIA E CONTROLE

No livro *Técnicas de um Observador: Visão e Modernidade*, Crary (2012) discorre acerca da modernidade e da modernização da visão nos séculos XIX e XX e do surgimento de novas tecnologias que aparecem diante das necessidades do ser humano em compreender melhor a representação no mundo do qual faz parte. Segundo o autor, é na modernização que o capitalismo desorganiza e “torna móvel aquilo que está fixo ou enraizado, remove ou elimina aquilo que impede a circulação, torna intercambiável o que é singular”. Esse processo abrange uma variedade de coisas: “corpos, signos, imagens, linguagens, relações de parentesco, práticas religiosas e racionalidades, além de mercadorias e força de trabalho” (Crary, 2012, p.19). A criação de novas necessidades e, com isso, novas maneiras de consumo, assim como também novos modos de produção, são frutos da modernidade.

Ainda conforme Crary (2012), a fotografia produz um dos maiores impactos sociais e culturais por meio de inúmeras técnicas para a industrialização de imagens em um mundo cada vez mais industrializado, tendo a fotografia se convertido em um elemento central, não sendo assim apenas um novo modo de consumo, mas de todo um território. Para o autor (2012), a fotografia se torna um componente de circulação e valor de troca de uma nova economia cultural no século XIX. Assim, pondera que “fotografia e dinheiro tornam-se formas homólogas do poder social no século XIX. Ambos são sistemas totalizantes que englobam e unificam os sujeitos em uma mesma rede global de valoração e desejo”. O autor então se aproxima dos estudos de Michel Foucault, em especial da obra *Vigiar e Punir* (1987), para entender os processos da modernidade que modernizaram o sujeito e as instituições que contribuíram para que formas de poder recaíssem sobre ele.

Como já indicamos no primeiro capítulo deste estudo, a modernidade é o tempo histórico no qual se consolidam as sociedades disciplinares estudadas por Foucault (1987), onde se estruturam regimes de poderes capazes de moldar e controlar os sujeitos e suas próprias subjetividades através de dispositivos disciplinares. Como Crary (2012) bem analisa, a fotografia também se torna uma forma de poder.

Para contextualizar a fotografia como um dispositivo além do poder, mas também de vigilância e controle, é importante compreender o termo “dispositivo” e

como ele pode representar a fotografia na sociedade de controle e nas sociedades de vigilância contemporâneas. Assim, apresentamos o entendimento e definições de autores que utilizam esse termo em seus estudos a fim de entender um grande fenômeno que vem emergindo ao longo dos anos: a urgência do mundo. Na entrevista de título “*Le jeu de Michel Foucault*” concedida por Michel Foucault em 1977, Alain Grosrichard indaga Foucault sobre o termo “dispositivo” com a seguinte pergunta: “Qual é, para você, o sentido e a função metodológica desse termo: ‘dispositivo?’” (1977, p. 298, tradução nossa)<sup>9</sup>, em resposta Foucault (1977) desenvolve algo próximo a um conceito e uma definição em três pontos:

O que eu tento transmitir com esse termo é, primeiramente, um conjunto absolutamente heterogêneo que compreende discursos, instituições, conformações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, enfim: aquilo que é dito, mas também o não dito, são estes os elementos do dispositivo [...] Por dispositivo, eu compreendo uma espécie, digamos, de formação que em determinado momento teve por função precípua responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante... O dispositivo está sempre inserido em um jogo de poder [...] O que chamo de dispositivo é um caso muito mais geral da episteme. Na verdade, a episteme é um dispositivo especialmente discursivo, enquanto o dispositivo, diferentemente, é discursivo e não discursivo. (FOUCAULT, 1977, p. 299 – 301. tradução nossa)

Para Foucault, o dispositivo representa elementos distintos, entre eles: as leis, as instituições, os discursos, estruturas arquitetônicas, etc. Esses elementos retratam em si formas de poder que se enquadram nos diferentes elementos que Foucault (1977) atribui ao dispositivo e são esses elementos que se reúnem e juntos formam os dispositivos. O panóptico, de Bentham, é um dos dispositivos mais famosos estudados por Foucault (1987), que podemos citar como exemplo, onde as relações de poder são bastantes marcantes entre quem observa da torre central e quem é observado, sendo esse, assim, utilizado por Foucault (1987) como uma metáfora para explicar a vigilância nas prisões.

O termo “episteme” diz respeito ao conhecimento, aquilo que é validado como conhecimento e verdade por uma sociedade. O que Foucault (1977) diz é que aquilo que se convencionou como conhecimento verdadeiro também faz parte do dispositivo, porque serve a um propósito. O dito (livros, discursos, leis) e o não dito (roupas, arquiteturas, comportamentos) constituem o dispositivo (FOUCAULT, 1977).

---

<sup>9</sup> No original: “*Quel est pour toi le sens et la fonction méthodologique de ce terme: <dispositif>?*”

É importante ressaltar que as obras de Michel Foucault apresentam uma visão modernista, embora continuem sendo amplamente utilizadas para compreender os fenômenos do mundo contemporâneo. Foucault (1977) não desenvolve detalhadamente o termo “dispositivo” ao longo de suas obras, sendo assim, apresenta uma definição generalizada. No contemporâneo, Agamben (2005), partindo do pensamento foucaultiano, amplia o conceito de dispositivo utilizando das próprias ideias para chegar a uma definição mais ampla e atualizada.

Generalizando posteriormente a já amplíssima classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - porque não - a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata - provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiriam - teve a inconsciência de se deixar capturar. (AGAMBEN, 2005, p.13)

Os corpos dos indivíduos são agenciados por modelos de sociedades que controlam e determinam o modo como devemos agir, seja diretamente ou indiretamente. Na modernidade, operaram os regimes disciplinares, em destaque as prisões, os manicômios, o quartel e a escola. Já nas sociedades de controle, a regra é justamente não ter regras e nem ambientes fechados, pois o controle e as relações de poder se exercem a céu aberto.

Os indivíduos se tornam agentes desse controle que é imposto, e agem em prol do sistema quando utilizam dispositivos que têm a capacidade de impor um controle sobre os corpos. Se, para Agamben (2005), a caneta, os telefones celulares, o cigarro, os computadores, entre outros, são também dispositivos, nesse mesmo sentido, propomos neste estudo contextualizar a fotografia como um dispositivo, não somente no sentido de objeto (câmera fotográfica ou imagem impressa), mas também no sentido que o próprio Agamben (2005) atribui a dispositivo: “capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (AGAMBEN, 2005, p.13).

Para Sontag (2004, p.14), “fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento – e, portanto, ao poder”. Para Agamben (2005, p.14):

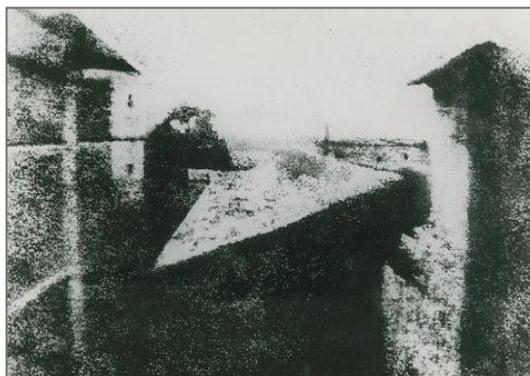
na raiz de cada dispositivo está, deste modo, um desejo demasiadamente humano de felicidade, e a captura e a subjetivação deste desejo em uma esfera separada constitui a potência específica do dispositivo.

A fotografia carrega em sua essência o que Agamben (2005) cita sobre o dispositivo e, nesse sentido, procuramos entender como os termos e os conceitos de dispositivo tanto em Foucault (1977) quanto em Agamben (2005) se relacionam com a fotografia enquanto um dispositivo de controle dos corpos dos indivíduos ao mesmo tempo em que se torna um meio de vigilância, especialmente nas mídias digitais, quando a fotografia é compartilhada e apta a ser vista por milhões de pessoas que utilizam a internet.

### 3.1 O método Bertillon e a fotografia como documento e identificação

Ao longo da história, a modernidade revelou ao mundo grandes invenções que se tornaram importantes para a humanidade, como, por exemplo, a fotografia. A primeira imagem fotográfica reconhecida do mundo foi feita através de uma câmera escura, pelo francês *Joseph Nicéphore Niépce*, em 1827, como ilustrada na figura 2 (OLIVEIRA, 2005). A primeira fotografia foi exposta em uma placa de estanho revestida com um derivado de petróleo fotossensível chamado Betume da Judeia, permitindo, assim, que uma exposição de mais ou menos de 8 horas fosse feita para gerar o que viria a ser a primeira imagem fixada em uma superfície de um objeto (OLIVEIRA, 2005). O mundo passou a ser visto por vários ângulos com visões particulares dos inúmeros fotógrafos que, após diversos experimentos na busca para eternizar o passado, conseguiram revolucionar não só a forma como o mundo é apresentado, mas também como as pessoas deveriam ser vistas e representadas na sociedade.

Figura 2: Reprodução da primeira foto do mundo, atribuída a *Joseph Nicéphore Niepce*



Fonte: <https://acervo.mis-sp.org.br/fotografia/reproducao-da-primeira-foto-do-mundo-atribuida-josehp-nicephore-niepce#> Acesso: 18 maio. 2021

Segundo Kossoy (2001), a invenção da fotografia não se configurou como algo passageiro, tendo, assim, seu maior impacto e destaque na década de 1960, onde grandes empresas fotográficas surgiram para comercializar essa invenção grandiosa.

O mundo tornou-se de certa forma “familiar” após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica. Com a descoberta da fotografia e, mais tarde, com o desenvolvimento da indústria gráfica, que possibilitou a multiplicação da imagem fotográfica em quantidades cada vez maiores através da via impressa, iniciou-se um novo processo de conhecimento do mundo em detalhe, posto que fragmentário em termos visuais e, portanto, contextuais. (KOSSOY, 2001, p. 26)

A história ganhou uma nova e importante forma de preservar a sua memória. Antes da invenção da fotografia, essa função era exclusivamente atribuída a outras formas de comunicação: a sustentação oral, a escrita e as pinturas. Com a fotografia, passou-se a preservar a memória visual de incontáveis elementos do mundo (KOSSOY, 2001).

De acordo com Scorsato (2012), os avanços do capitalismo industrial despertaram o interesse em realizar pesquisas e novas invenções, fazendo surgir novas tecnologias que atualizaram os meios de transporte e de comunicação, ao mesmo tempo em que se tinha o aperfeiçoamento das indústrias. “Dentre as inúmeras descobertas, surgiram a locomotiva, o barco a vapor, o telégrafo e a fotografia” (SCORSATO, 2012, p.01). A historiadora cita em seu trabalho os apontamentos do historiador Charles Monteiro (2008) no qual diz que a fotografia surge para atender a dois principais fatores:

Por um lado, a fotografia veio responder a uma demanda crescente de imagens e de auto-representação da burguesia em ascensão, buscando uma forma de fabricar imagens de forma rápida e consideradas fiéis ao seu referente. De outro lado, o dramático processo de urbanização criou a necessidade de controlar e disciplinar um contingente diversificado de sujeitos em uma sociedade de massas, criando a foto de identificação. (MONTEIRO, 2008, p. 171)

Esse processo de representação da sociedade por meio das imagens fotográficas se tornou uma forma de controlar os corpos dos indivíduos, principalmente nas grandes cidades europeias.

Para garantir o desenvolvimento do capital, objetivava-se calar as massas, tornando-as dóceis e obedientes. Foi então que aumentou o interesse do poder público e das classes dominantes em distinguir os membros da sociedade e exercer novo e maior controle sobre os mesmos (SCORSATO, 2012, p. 02)

Com surgimento das grandes metrópoles europeias, surgiram também vários problemas, sendo um deles a intensidade da criminalidade que ameaçavam a segurança das propriedades dos mais ricos. Assim, teve início uma perseguição contra aqueles que não respeitavam a ordem pública. A fotografia enquanto tecnologia inovadora tornou-se amplamente utilizada na construção dos sistemas de identificação, já que a distinção dos cidadãos apenas pelo nome se mostrava insuficiente nesse contexto de crescente urbanização (SCORSATO, 2012).

Figura 3: Ficha antropométrica de Alphonse Bertillon produzida em 1912

Taille 1 <sup>re</sup>	178.0	long.	14.4	Pied g.	27.4	Age déclaré	39	N° en 1888	
Volte		large	16.8	Médus g.	11.9	an de ci.	3	Cheveux	ch. br. 2/3
Enverg.	1.91	2 <sup>de</sup>	14.7	Auric. g.	11.9	sure	2.02	Barbe	br. 2/3
Buste 0 <sup>m</sup>	1.17	Oreille dr.	2.7	Coiffée	11.9	per.	1.00	Teint P.	g. 2/3
						paire		Mais dr.	
								Mais g.	

Distance du sujet à mètres: Réduction 5 = Point de vue de la photographie n° 10.

M. Bertillon, 1.1.12.

Notes: Main droite

Pouce dr. Index dr. Médus dr. Annulaire dr. Auriculaire dr.

Fonte: <https://journals.openedition.org/criminocorpus/2716?lang=it>. Acesso: 19 maio. 2021

O criminologista Alphonse Bertillon é um nome importante para entender como a fotografia serviu, dentre inúmeras utilidades, ao propósito de documentação e identificação. Diante da dificuldade da polícia para marcar e identificar os criminosos reincidentes, Bertillon desenvolveu um método conhecido como bertillonagem, que tem como principal recurso a fotografia. Bertillon passou a fotografar os rostos dos indivíduos em ângulos estratégicos, com registros de frente e de perfil, visando frisar características gerais do corpo de cada indivíduo fotografado e catalogando essas informações em uma ficha criminal, na qual continha as informações dos indivíduos com as fotografias, como mostrado na figura a seguir do próprio Bertillon em um autorretrato (figura 3).

No artigo “Atestados de presença: a fotografia como instrumento científico”, Annateresa Fabris (2002) descreve com detalhes como funcionavam os gabinetes fotográficos da polícia parisiense sob cuidados de Alphonse Bertillon em meados de 1880 e 1890:

São estabelecidas diretrizes que deveriam uniformizar as condições de iluminação do gabinete fotográfico e a distância entre o operador e o modelo. Este ocupava uma cadeira deliberadamente desconfortável, cujo objetivo era forçar o sujeito a posicionar a coluna vertebral no centro do espaldar. Um mecanismo de rotação complexo permitia fotografá-lo de frente e de perfil, conservando a mesma escala de redução. Havia uma razão precisa para essas duas tomadas. Enquanto a apresentação frontal corresponde ao que há de mais reconhecível no rosto de um indivíduo, a visão de perfil garante a abolição de qualquer contingência expressiva, por remeter à representação morfológica mais precisa e mais informativa: o contorno da cabeça não se modifica com o passar do tempo (FABRIS, 2002, p. 32).

Nesse sentido, podemos espelhar que essas diretrizes postas por Bertillon para identificar os criminosos reincidentes no gabinete fotográfico da polícia de Paris, se assemelham com as técnicas disciplinares justamente na ideia de controlar e organizar os corpos dos indivíduos em prol de um comando maior, neste caso, o do governo da França. Nessa perspectiva, a fotografia se torna um meio para alcançar esse status disciplinar e de controle sobre os criminosos reincidentes.

Figura 4: Gabinete fotográfico de Alphonse Bertillon, 1890



Fonte: <https://journals.openedition.org/criminocorpus/2716?lang=it>. Acesso: 19 maio. 2021

De acordo com Velasco, a polícia, enquanto uma instituição com técnicas disciplinares, não foi a única a utilizar a fotografia para organizar e controlar os indivíduos. “Praticamente todas as instituições chamadas disciplinares por Foucault, como o manicômio, a escola, e o exército, absorveram imediatamente a fotografia em suas práticas cotidianas, dando grande relevância à documentação fotográfica” (2008, p. 125). O elemento fotográfico nas fichas de identificação, tanto da polícia como também das outras instituições disciplinares servem para melhor organizar a função administrativa, como também controlar os corpos dos sujeitos por meio, sobretudo, da fotografia, como bem analisou Foucault (1987).

Neste sentido, desde o surgimento da fotografia na primeira metade do século XIX (OLIVEIRA, 2005), a sociedade ganhou uma nova forma de documentar a si

mesma e o mundo, seja em prol do indivíduo ou do coletivo. Assim, “torna-se evidente que a imagem fotográfica passa a ter um papel importante para a constituição das novas estratégias de poder na modernidade”. (VELASCO, 2008 p.125).

### **3.2 As transformações da fotografia na era digital**

Falamos até agora de uma fotografia que, desde o seu surgimento na metade do século XIX, permaneceu por muito tempo sem grandes avanços em termos de tecnologia, tendo um longo domínio analógico. De acordo com Oliveira (2005), no século XX, a fotografia ganhou espaço na grande imprensa mundial, pois muitos fotógrafos passaram a documentar guerras e grandes eventos. Entre eles, um dos mais famosos é o fotógrafo Húngaro-americano Robert Capa, que ganhou fama mundial por ter conseguido registros marcantes de combates de guerra. As fotografias de guerra tornaram-se destaque nos jornais e chamavam a atenção do grande público, despertando o interesse em produzir novidades tecnológicas a fim de facilitar o acesso a fotografias no mundo inteiro, com equipamentos mais leves e ágeis (OLIVEIRA, 2005).

Com os avanços tecnológicos no mundo da fotografia, desenvolvidos para facilitar o acesso a algo inicialmente voltado para um público restrito, presenciamos, agora, no cenário pós-moderno, a chegada da fotografia digital. Conforme Oliveira (2005, p. 3), “com surgimento da fotografia digital, no final dos anos 1980, todo glamour conquistado pela fotografia analógica tende a entrar em declínio”. Muito se fala sobre a manutenção e verberação da fotografia analógica em comparação com os benefícios que o digital oferece.

Segundo Oliveira (2005), com a chegada dos equipamentos digitais e conseqüentemente a evolução constante deles, se torna evidente uma dissolução gradual da fotografia analógica no século XXI, principalmente quando grandes fábricas de equipamentos fotográficos analógicos passaram a não produzir mais esses produtos em grande escala, transformando a fotografia analógica em algo “primitivo” (OLIVEIRA, 2005).

A empresas que tiveram um longo reinado na fabricação de materiais fotográficos analógicos apresentaram uma queda significativa no mercado, tendo, por esse motivo, a necessidade de inovar para entrar no mundo digital e permanecer em atividade. Um grande exemplo que podemos citar é empresa Kodak, que por mais de um século foi a empresa dominante no mercado fotográfico. A Kodak foi criada em

1878 por George Eastman e desde então se tornou responsável pela popularização dos equipamentos fotográficos para fotógrafos amadores e profissionais (KLEINA, 2017). A marca foi colecionando ao longo do tempo inúmeras invenções voltadas especialmente para o mercado popular, entre elas a câmera descartável<sup>10</sup>, papel fotográfico, rolo de filmes, tanto em preto e branco como colorido, transformando a Kodak em referência mundial em relação ao mundo fotográfico analógico (KLEINA, 2017).

A fotografia analógica fez parte da vida de milhões de pessoas ao redor do mundo, provocando emoções e eternizando momentos através de registros visuais que antes ficavam apenas na memória. A Kodak fez e ainda faz parte da vida de várias gerações que compravam os rolos de filmes na expectativa de revelar as fotos o quanto antes em alguma loja da marca que oferecia esse serviço.

De acordo com Oliveira (2005, p. 3), “na opinião dos defensores da fotografia digital, a velha forma de captação de imagens sobreviverá apenas na memória de veteranos fotógrafos incapazes de se adaptar às novas tecnologias”. Hoje é comum encontrar os antigos produtos da Kodak servindo como objetos de decoração remetendo a uma era clássica da fotografia, assim como milhares de fotos que foram relevadas e hoje são guardadas como acervo pessoal das famílias, se tornando uma grande celebração ao passado, como mostrado na figura 5, que foi extraída do ensaio fotográfico “Espetáculo Kodak: Memórias de Família”<sup>11</sup> que utiliza como temática principal a memória de uma família ligada com a Kodak.

Figura 5: Memórias de uma era analógica



Fonte: <https://www.behance.net/gallery/108094425/Kodak-Family-Memories>

<sup>10</sup> A Kodak lançou a primeira câmera descartável feita de papelão em 1900. A câmera recebeu o nome “The Brownie” e era vendida na época por apenas um US\$ 1. A brownie foi uma das invenções de George Eastman que ajudou a popularizar a fotografia na grande massa. Disponível em: <https://www.brownie-camera.com/5.shtml>. Acesso em: 13 jun. 2021.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/108094425/Kodak-Family-Memories>. Acesso em: 20 jun. 2021

Podemos observar que esses acervos fotográficos pertencentes às famílias se configuram como documentos quando percebemos que, além do simples registro com cenas do cotidiano, essas fotografias contêm informações de um passado importante na vida daqueles que guardam essas fotografias.

Com a chegada da fotografia digital, a experiência mudou, não sendo preciso esperar dias para conseguir visualizar as fotos, pois no digital tudo tende a se tornar imediato e mais acessível.

Assim como muitas empresas tradicionais surgidas no século passado, a Kodak também sofreu com o advento da era digital. Apesar de ter sido pioneira na produção da primeira câmera digital desenvolvida por seu funcionário Steven Sasson em 1975, a Kodak não acompanhou o grande ritmo do digital, perdendo força no mercado. Com isso, em 2012 a empresa declarou falência, tendo que vender milhares de patentes, muitas delas adquiridas pelas empresas Apple, Microsoft e Google (KLEINA, 2017).

A fotografia digital surge com uma grande proposta inovadora que apresenta rapidez e acabamentos técnicos que conseguem ser superiores às fotografias analógicas. Flávio Vinicius Cauduro (2008) define a fotografia digital como:

Toda e qualquer imagem obtida a partir de uma câmera obscura, com características ótico-mecânicas variáveis, através de princípios puramente analógicos ou por combinação híbrida (analógica/digital), e que seja posteriormente processada em computador e exibida de forma projetada (monitor ou tela) ou impressa (papel ou filme) (CAUDURO, p. 182, 2008).

Na fotografia digital, a imagem é transformada em milhares de pulsos eletrônicos. Diferentemente da fotografia analógica, não existe mais um filme para a imagem ser exposta, fixada e depois revelada. Sendo assim, na modalidade digital a imagem é armazenada em computadores e em microchips capazes de armazenar milhares de imagens, tendo a possibilidade de ser transmitida via satélite em tempo real para outros dispositivos eletrônicos (OLIVEIRA, 2006).

Para Cauduro (2008, p. 182), o processo de produção de uma fotografia digital conta com três estágios básicos: o primeiro é a captura da imagem inicial, que é efetuada pela câmera ou pelo computador para obter a sua digitalização, o foco central desse processo é transformar a imagem em digital, podendo ser produzida diretamente em uma câmera fotográfica digital, ou em uma câmera analógica, contanto que passe por um processo de digitalização em um computador a fim de gerar um arquivo digital. O segundo estágio, na visão de Cauduro (2008), é o

processamento da imagem (manipulação), que consiste no ato pós captura, ou seja, quando a imagem já no formato digital é importada para algum programa de tratamento, como, por exemplo, o *Adobe Photoshop*, que oferece ferramentas para melhorar brilho, contrastes, dimensões e resoluções, cores e até mesmo a possibilidade de manipulação. O terceiro e o último estágio analisado por Cauduro (2008) é a exibição, que se torna o resultado dos dois estágios anteriores, onde a imagem é finalmente mostrada em uma tela de computador, projetada em superfícies ou impressa em papel para que qualquer pessoa consiga observar.

Esses três estágios básicos no processo de criação de uma fotografia digital guardam semelhanças com a fotografia analógica, embora existam diferenças fundamentais entre si. A fotografia digital é formada por *pixels*<sup>12</sup>, que pode ser processado e modificado em programas de edição de imagens, como o já citado *Adobe Photoshop*. O registro digital permite que o fotógrafo apague e refaça a imagem quantas vezes quiser sem precisar de grandes recursos para isso, o que de fato não acontece na fotografia analógica, pois o filme fotográfico se torna limitado quando comparado aos recursos digitais (CAUDURO, 2008).

Segundo Machado (2019, p.1), toda vez que algo novo é introduzido ao mundo, as crenças já estabelecidas sobre determinado assunto se tornam confusas, e a sociedade é obrigada a voltar às origens para reexaminar o passado para compreender as urgências do mundo. Assim como aconteceu com a televisão e suas extensões, a fotografia digital surgindo como uma nova proposta passa a exigir também a essa necessidade (MACHADO, 2019). O autor reflete sobre uma fotografia em expansão, que deixa no passado as limitações de uma era analógica e que, agora, passa a conhecer uma emancipação. Assim:

Depois de mais de um século e meio de restrições técnicas, conceituais e ideológicas, subvertidas apenas marginalmente pelos artistas de vanguarda, a fotografia começa, finalmente, a conhecer a sua emancipação e a derrubar as fronteiras que a limitavam. Com a câmera digital e o software de processamento tomando rapidamente o lugar das tradicionais técnicas fotográficas, podemos dizer que a fotografia vive um momento de expansão, tanto no que diz respeito ao incremento de suas possibilidades expressivas, como no que diz respeito às mudanças em sua conceitualização teórica (MACHADO, 2019, p. 12)

Fatorelli (2017, p. 58) defende “uma significativa expansão da fotografia, ora tencionando os protocolos tradicionalmente vinculados ao meio, outras vezes

---

<sup>12</sup> *Pixel* é considerado o menor elemento que compõe uma imagem digital ou um vídeo. Disponível em: <https://tecnoblog.net/295290/o-que-e-um-pixel/>. Acesso em: 1 jul. 2021.

esgarçando as fronteiras do campo”. As práticas contemporâneas, reunidas sob uma hegemonia de uma fotografia que se expande para além das fronteiras, antes contidas nas limitações do poder tecnológico, sinalizam e potencializam outras formas de fotografar e apresentar essas imagens (FATORELLI, 2017).

Um dos grandes debates acerca da fotografia digital é a possibilidade de haver manipulação de imagens por meio de programas de edição, que pode alterar formas, cores e inúmeras coisas que distanciam a imagem cada vez mais do primeiro registro ainda feito na câmera. Oliveira (2005) destaca que o fato de a fotografia digital ser processada por algoritmos matemáticos demonstra a facilidade em aprimorá-las em termos estéticos, alterando, assim, detalhes importantes, como nitidez, brilho, contraste etc. Nesse mesmo sentido, Oliveira (2006, p. 184) nos ensina que “podemos utilizar aqueles algoritmos para criar imagens novas (deformadas, transformadas, alteradas, etc.) que nada têm a ver com a imagem inicial”.

O uso de softwares cada vez mais inteligentes permitem que essas alterações sejam feitas por qualquer pessoa que tenha acesso a programas de edição, e, claro, com grandes efeitos proporcionais às habilidades técnicas do usuário. É o caso do fotógrafo Gilmar Silva, que, com maestria, apresenta para o público nas redes sociais *online* uma série de fotografias de clientes com temáticas fantasiosas e uma grande quantidade de manipulações nos ambientes e nos corpos dos modelos.

As fotografias de Gilmar Silva reproduzem temáticas utópicas no qual apresentado na figura 6. Gilmar, como tantos outros fotógrafos que trabalham com essa temática, captura as fotografias e, no estágio de processamento da imagem, utiliza programas de edições para modificar as fotografias a fim de trazer o elemento fantasioso.

Figura 6: Fotografia manipulada por Gilmar Silva



Fonte: Colagem produzida a partir de publicação no aplicativo Instagram – usuário @gilmarphotos – retirado via cópia de tela em 3 de março, 2021

A manipulação nas fotografias para inserir temáticas utópicas não necessariamente se torna um problema quando ficam evidentes as manipulações feitas. No caso de Gilmar Silva, ele mostra todos os processos de edição nas redes sociais *online*. Larissa Altoé (2017) relata em uma reportagem os dados de pesquisa da Universidade de Warwick que mostram que 40% dos 1.366 voluntários não conseguiram diferenciar as fotos originais das manipuladas. Para Oliveira (2005, p. 5), “a má utilização da fotografia nos dias de hoje acarretará, sem dúvida, enormes prejuízos para a documentação e as pesquisas futuras, comprometendo a memória e a ética da fotografia”. A figura 7 mostra uma colagem de duas fotografias, a original no lado esquerdo e a manipulada do lado direito.

Figura 7: Fotografia manipulada de líderes de governo.



Fonte: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/12616-fotos-originais-x-fotos-manipuladas>. Acesso em: 4, mar. 2021.

Essas fotografias manipuladas fomentam uma série de notícias falsas e, como indicado no estudo da Universidade de Warwick, é notável que muitas pessoas não conseguem diferenciar entre o que é real ou não. Oliveira (2005, p. 6), faz um alerta sobre o excesso de edição das imagens, sobretudo no que diz respeito a fotografias que servem para pesquisa e documentação. Nesse mesmo sentido, o autor pondera que questionamentos entre o que é verdade ou mentira devem ser levados a reflexão e ao debate.

Não se pode ignorar a possibilidade de haver edição de imagens, especialmente as digitais tendo em vista que esse meio favorece a adoção desse tipo de intervenção por parte dos produtores de conteúdo. Porém, o escopo do presente trabalho não abrange essa discussão, já que a maior parte dos usuários de redes sociais *online* não dispõe de meios técnicos e experiência suficientes para possibilitar a manipulação profissional das imagens que disponibilizam ao público. Assim, para

fins de análise do potencial da fotografia para o fenômeno da vigilância em massa, não será aprofundada a discussão acerca de edições radicais nas imagens, que ultrapassem a mera correção de detalhes, como ajustes de brilho ou colocação de filtros.

Cauduro (2008), nos ensina que uma das características da imagem digital é a facilidade para que ocorra uma disseminação sem limites, podendo alcançar todos os lugares do mundo através da rede mundial de computadores, a *Internet*. O autor (2008, p. 184) assim reflete: “A imagem digital é capaz de realizar totalmente as promessas e potencialidades mágicas que a fotografia tradicional sempre sugeriu, mas que raramente possibilitou executar com facilidade e perfeição”. Pensando nesta perspectiva, podemos inserir que uma dessas potencialidades mágicas é o poder de compartilhamento em tempo real na Internet, principalmente com a chegada das redes sociais *online*, que abrem espaços para diversos conteúdos estarem presentes na Internet.

### 3.3 Entre o clique e o compartilhamento nas redes sociais

Com o advento da Internet e da fotografia digital, nota-se uma mudança radical na forma como as fotografias são arquivadas. Na era da fotografia analógica, os álbuns de família são referência no que se refere à preservação de fotografias do cotidiano de diversas famílias. Os álbuns fotográficos físicos, como ilustrado na figura 8, para além de um catálogo pessoal, tem, sobretudo, a função de rememorar através de fotografias um passado importante. Na avaliação de Sontag (2004, p.19): “Um álbum de fotos de família é, em geral, um álbum sobre a família ampliada – e, muitas vezes, tudo o que dela resta”.

Figura 8: Antigos álbuns fotográficos



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Para Fatorelli (2017), existe uma crescente migração das imagens do cotidiano, antes apenas presente nos álbuns fotográficos, para as redes sociais *online* de compartilhamento. O autor cita como exemplo as redes sociais *online* *Flicker*, *YouTube* e *Facebook*, como motivadoras para uma modificação dos hábitos e dos papéis consignados à fotografia. Podemos acrescentar, no mesmo ponto de vista, outras redes sociais *online* com maior destaque para fotografias no mercado atual, como *Behance*, *Pinterest* e *Instagram*. Ainda consoante Fatorelli (2017), a fotografia passa a ter novas funções em decorrência dos novos hábitos de compartilhamento advindo das redes sociais *online*:

Anteriormente referida a função memorialista, a imagem fotográfica passa agora a desempenhar funções crescentemente associadas à experiência atual afigurando-se preferencialmente como instância potencializadora dos afetos compartilhados nos afazeres da vida cotidiana. Desloca-se, deste modo, do formato fechado, por definição imutável, dos antigos álbuns, para a forma fluida dos instantâneos registrados em tempo real, periodicamente substituídos nos feeds dos sites de compartilhamento (FATORELLI, 2017, p. 59-60).

A forma fluida dos instantâneos faz com que o compartilhamento nas redes sociais *online* se torne constante principalmente pela rapidez que os dispositivos fotográficos digitais conectados conseguem entregar. Velasco (2008) observa que após a popularização das câmeras de fotografia digital em todos os formatos e preços, imagens estão sendo produzidas em quantidades surreais na contemporaneidade.

Essas imagens serão visualizadas e divulgadas de múltiplas maneiras, através de troca de e-mails, álbuns virtuais de fotografias, torpedos fotográficos, ou até mesmo em impressões de alta qualidade que poderão retornar ao velho porta-retratos na cômoda da sala. (VELASCO, 2008, p. 128)

Com a grande produção de fotografias causada pela popularização das câmeras e a potencialização das mídias sociais, as pessoas ganham espaços e meios para compartilharem suas vidas e interesses no ritmo que desejarem, inclusive e comumente em tempo real. Essa visibilidade que a possibilidade ampla de compartilhamento proporciona acaba despertando uma vigilância crescente, com os olhos globais em torno dessas imagens (DOMINGUES; SILVA JR, 2020). Torezani avalia que “as tecnologias das imagens são instrumentos utilizados por um mecanismo panóptico, que permite a observação constante das pessoas” (2018, p. 124). O panóptico descrito por Bentham no século XVIII, também estudado por Foucault no século XX (1987), apresenta a ideia de “um olho que tudo vê” e, como

consequência, consegue vigiar e melhor controlar os corpos e os movimentos dos indivíduos (DOMINGUES; SILVA JR, 2020).

Seu corpo é colocado à disposição da representação fotográfica. Ao se retratar, ocorre uma experiência sensível não mais particular, mas colocada aos olhos dos outros. Isso coloca a fotografia com a permanência do registro de si desde o século XIX, mas agora, com a constituição de corpo íntimo mostrado de forma compartilhada em rede. (TOREZANI, 2018, p. 124)

Assim, Foucault nos ensina que “a plena luz e o olhar de um vigia captam melhor do que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha” (1987, p. 224). Por esse ângulo, podemos refletir que os usuários das redes sociais *online* passam a se comportar como vigilantes com a capacidade de captar para si todo conteúdo que julgarem interessante. As redes sociais *online*, banhadas pela visibilidade dos seus usuários, não parecem estar nas sombras, mas, sim, na plena luz, tornando a visibilidade uma armadilha, como aponta Foucault (1987).

Refletindo sobre as redes sociais *online*, Torezani (2018, p.189) observa que “as redes sociais, além de serem panópticos de esfera pública, são os novos museus que guardam artefatos e recebem visitas, já que o termo museu se refere ao templo das musas; as pessoas querem seu momento de atenção nesta estratégia atual”. Uma vez nas redes, a vida do usuário se conecta e “suas memórias e vivências estão ali expostas, basta verificar, acompanhar e decifrar o perfil do indivíduo que se autorregistra e se expõe” (TOREZANI, 2018, p. 189).

Partindo de a observação da pensadora sobre as redes sociais *online* serem panópticos de esfera pública e, sendo assim, vigiadas constantemente como o próprio sistema panóptico se constitui, os usuários ficam à mercê de práticas vigilantes a partir do momento em que se conectam com as redes sociais *online* (TOREZANI, 2018).

Nesse contexto, não se pode esquecer que a fotografia no século XXI permanece sendo utilizada pelas instituições e pela área criminalista, que segue ainda o mesmo padrão do projeto que a polícia de Paris implementou em conjunto com Alphonse Bertillon no século XX, a fim de identificar os corpos para melhor organizar os criminosos reincidentes.

O uso da fotografia digital pelas instituições disciplinares que buscam se adaptar à nova lógica do controle não mudou significativamente. Os retratos 3x4 continuam a ser padrão para a identificação do indivíduo perante qualquer instituição (seja no nível macro, nas carteiras de identidade, por exemplo, seja no micro, como em academias de ginástica ou videolocadoras). Entretanto, se torna cada vez mais comum que essas imagens sejam produzidas, armazenadas e consultadas apenas digitalmente. (VELASCO, 2008, p. 128)

Com a fotografia digital, as possibilidades de identificação do indivíduo se estendem facilmente. O que era apenas uma fotografia padrão em um estúdio fechado na polícia de Paris, com todas as limitações que a fotografia analógica apresentava, atualmente expande seu potencial com o advento, difusão e aperfeiçoamento constante do meio digital utilizado para as fotografias de identificação. Com o crescente uso das redes sociais *online* e o grande número de fotografias sendo publicadas e compartilhadas pelos usuários, nota-se que a forma de identificar também tende a mudar.

O ato de compartilhar nas redes sociais digitais leva a uma potencialização do alcance dos dados que os usuários disponibilizam nas suas mídias. Com a utilização de *tags* (indexadores com nomes e expressões textuais associados às fotografias compartilhadas, precedidas pelo símbolo #) e de álbuns e marcações em mídias sociais como o Instagram, o acesso e a visibilidade dessas imagens ganham grandes proporções. Pessoas de qualquer lugar do planeta, conectadas à *internet*, inclusive em outros continentes, conseguem encontrar essas publicações agrupadas sem nenhuma dificuldade, tendo apenas que acessar o mecanismo de busca dessas plataformas, colocando um nome de usuário, perfil ou tema.

Os usuários das mídias sociais, dentre elas do Instagram, tanto compartilham fotos de momentos importantes, como situações prosaicas do dia a dia. Essas fotografias carregam informações reveladoras que, no entanto, podem passar despercebidas aos olhos das pessoas dada a velocidade com que, muitas vezes, produzimos e consumimos essas informações em rede. Ao olhar essas imagens atentamente, observando o grande manancial de informações que podem conter, é possível exercer um olhar vigilante sobre os internautas que expõem suas vidas, rotinas e intimidade, desenvolvendo formas de controle sobre o outro, como discutiremos a seguir

#### 4 INSTAGRAM: O MOSAICO DA VIGILÂNCIA?

*“Fotos fornecem um testemunho. Algo que ouvimos falar, mas que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto.” – Susan Sontag*

O terceiro capítulo deste estudo é o aprofundamento de uma investigação já publicada no artigo “A família Miller e a fotografia como dispositivo de vigilância e controle nas mídias sociais” (2020)<sup>13</sup> em coautoria com a orientadora desta pesquisa, a professora Izabela Domingues. O artigo foi desenvolvido para servir como minimundo deste trabalho, que tem como objetivo investigar como a fotografia se tornou um dispositivo de vigilância e controle dos sujeitos nas mídias digitais tendo como foco a rede social *online Instagram*.

Para falar de redes sociais *online* (doravante RSO), é importante trazer, devido ao grande repertório e conceitualização, o que a pesquisadora Raquel Recuero (2012, p.2) diz sobre elas: “as redes sociais online, por exemplo, são apresentadas através de representações dos atores sociais. Ou seja, ao invés de acesso a um indivíduo, tem-se acesso a uma representação dele.” entendem-se atores sociais como representações das pessoas, dos grupos e das instituições que se fazem presentes; os nós da rede (RECUERO, 2009).

Apesar do acesso aos atores sociais que fazem parte das RSO ser apenas uma representação deles, bem como pontuou Recuero (2012), é através da imagem que os atores sociais passam de si, que se forma uma imagem deles. Essa imagem tende a deixar rastros que contêm informações de várias naturezas. Bruno (2012, p. 687) diz que “um rastro digital é o vestígio de uma ação efetuada por um indivíduo qualquer no ciberespaço”. Ainda segundo Bruno (2012), é a internet que tem o maior número de rastros digitais, que são gerados a partir de todas as ações dos indivíduos: *posts*, conversações em RSO, navegação, *downloads etc.*

Apesar de medidas serem tomadas para evitar que essas ações deixem registros, são as informações que os indivíduos divulgam voluntariamente nas RSO que potencializa a manutenção dos rastros digitais (BRUNO, 2012, p. 687). Para Bruno (2012, p. 687) o ato de se comunicar na internet ganha novas formas:

O ato comunicacional ganha uma peculiaridade na internet. Não apenas acessamos, trocamos, produzimos conteúdos e informações diversas, mas

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-2563-1.pdf>>

deixamos um rastro dessa comunicação. Comunicar é deixar rastro. A máxima da pragmática “não podemos não comunicar” pode ser reescrita: não podemos não deixar rastros. (BRUNO, 2012, p.687)

Assim, conforme os estudos de Bruno (2012), se o ato de se comunicar e a produção de conteúdo na internet necessariamente significa deixar rastros, forma-se então um ambiente hostil para quem deseja se preservar das práticas vigilantes. Seguindo os apontamentos de que a fotografia é um dispositivo de vigilância e controle dos sujeitos, principalmente quando é publicada nas RSO, e tendo em conta a potencialização dos rastros digitais produzidos pelos indivíduos, propomos investigar, através de um estudo de caso, um perfil no *Instagram* de uma família residente no subúrbio de Londres.

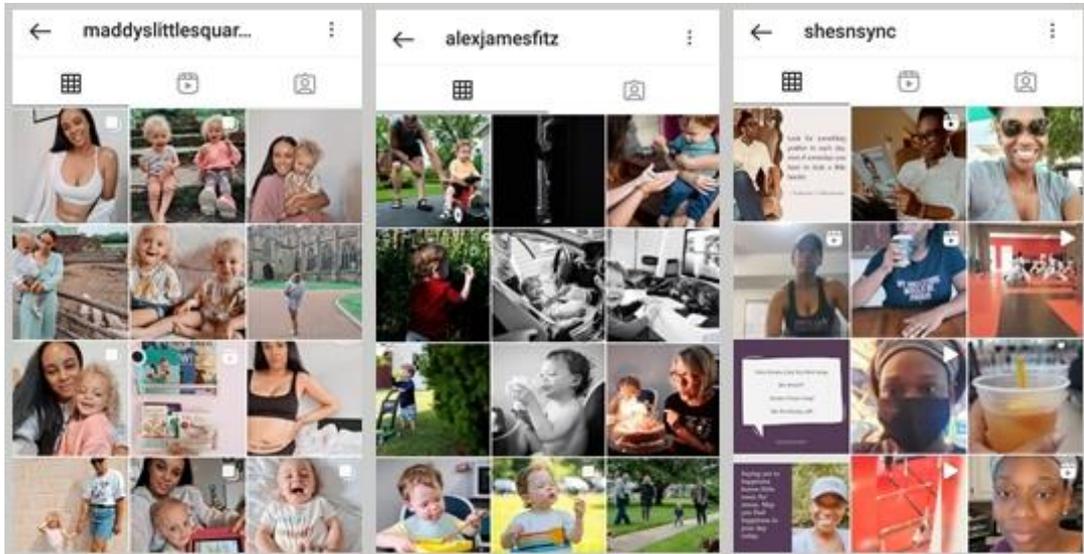
O *Instagram* é uma rede de mídia social usada por mais de um bilhão de pessoas ao redor do mundo e tem como principal função compartilhar fotos, vídeos e mensagens por meio de conexões *online* entre os usuários da rede. O *Instagram* foi criado em 2010 por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger. O sucesso foi notável, pois, nos primeiros meses, conquistou mais de 1 milhão de usuários ativos. Os números só foram aumentando, tornando-se assim umas das RSO mais populares do mundo. Em 2012, o *Facebook* comprou o *Instagram* por 1 bilhão de dólares, expandindo ainda mais o alcance da rede pelo mundo. O *Instagram* dispõe de algumas ferramentas dentro do próprio aplicativo que permitem a produção de diversos conteúdos, entre elas tem-se a função *Stories* que possibilita aos usuários o compartilhamento de imagens com um prazo limite de 24 horas para os seguidores.

Apesar do sucesso que os *Stories* têm entre os usuários, é o *Feed* que chama a nossa atenção justamente por se configurar como um grande mosaico de imagens em cada perfil. As imagens que os usuários publicam no *Feed* ficam por um período maior, pois não tem limitações deixando sempre a critério do usuário apagar ou não a publicação.

Cada perfil ativo que apresenta fotografias no *Instagram* comporta seu próprio mosaico de imagens, que muitas vezes representa a identidade e a personalidade de cada usuário. Dito de forma simples, o mosaico é um conjunto de elementos que, uma vez juntos, formam uma imagem ou uma peça de arte. Sendo considerados uma arte milenar, os mosaicos geralmente são usados para decoração em peças que representam uma combinação de cores e de padrões de organização.

Os mosaicos que são construídos pelos usuários no *Feed* do *Instagram* expõem informações das mais diversas naturezas, dando acesso à privacidade do usuário, que cada vez mais vem expondo a vida íntima nas RSO.

Figura 9: Amostra do feed dos perfis @maddyslittlesquares, @alexjamesfitz, @shesnsync



Fonte: Aplicativo *Instagram* – usuários maddyslittlesquares, @alexjamesfitz, @shesnsync – retirado via cópia de tela em 12 de março, 2021

A imagem que consta na figura 9 é um claro exemplo de como fica a distribuição das fotos no *feed* do aplicativo da RSO *Instagram*. Essas fotografias não formam uma única imagem, mas, sim, vários recortes triviais da vida do usuário que publica essas fotografias sem muitas vezes perceber as informações pessoais que delas podem ser extraídas por quem observa essas imagens.

Entendemos que a vigilância nas mídias sociais através da fotografia se dá na perspectiva de que o observador das redes detém o controle sobre quem está sendo observado nelas, não sendo essa uma relação recíproca. A fotografia se configura, então, como principal fonte de dados a serem observados e de onde podem ser extraídas informações úteis ou não para as mais diversas finalidades. Quem olha essas imagens é quem, de fato, tende a ter o poder sobre o indivíduo que publica suas fotografias nas redes sociais, o qual, ao postar seus conteúdos, não tem como, necessariamente, saber quem os observa (DOMINGUES; SILVA JR, 2020).

Segundo Sontag (2004, p. 16), “fotos fornecem um testemunho. Algo que ouvimos falar mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto”. A autora avalia que depois do uso da fotografia pela polícia de Paris, as

fotografias atingiram uma nova função: “as fotos tornaram-se uma útil ferramenta dos Estados modernos de vigilância e no controle de suas populações cada vez mais móveis” (2004, p.16). Sontag (2004) reafirma a importância da fotografia para se obter informações a partir dos registros, reconhecendo o papel das imagens como documento e instrumento de vigilância:

Numa outra versão de sua utilidade, o registro da câmera justifica. Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem (SONTAG, 2004, p. 16).

São as informações sobre as rotinas, os gostos, os afetos, e os costumes dos usuários que o observador, seja ele quem for, consegue acessar utilizando as fotografias que os próprios usuários publicam espontaneamente nas RSO.

É importante destacar que o aplicativo *Instagram* permite que os usuários tenham o controle sobre quem acessa seu conteúdo, pois existe a opção de o usuário colocar o perfil em modo de privacidade. Nossa pesquisa aplica-se justamente aos perfis do *Instagram* que não têm restrições de privacidade e, portanto, estão à mercê dos riscos dos perfis públicos, dando espaço para qualquer pessoa conseguir acessar e seguir os perfis.

#### 4.1 Projeto Document Your Life como catalizador de informações

Para encontrar o corpus desta pesquisa, decidimos estudar o projeto *Document Your Life*<sup>14</sup> (DYL), que nos levou a encontrar um perfil pessoal com uma conta pública no *Instagram*. O DYL tem como proposta inicial incentivar as pessoas a documentar a vida cotidiana com registros em formato de vídeo. A ideia é juntar o material e publicar 12 vídeos durante um ano, assim, tendo um vídeo mensal com cenas do cotidiano. O projeto foi criado em fevereiro de 2012 pela holandesa Lauren Hannah. No *blog* do projeto<sup>15</sup> Lauren faz uma pequena descrição:

Document Your Life é um projeto de vídeo online que, com sorte, o fará notar as pequenas coisas lindas do mundo e o inspirará a viver sua vida ao máximo. A ideia é que você filme pequenos clipes das melhores coisas que já viu e fez e os compile em um vídeo mensal. (tradução nossa<sup>16</sup>)

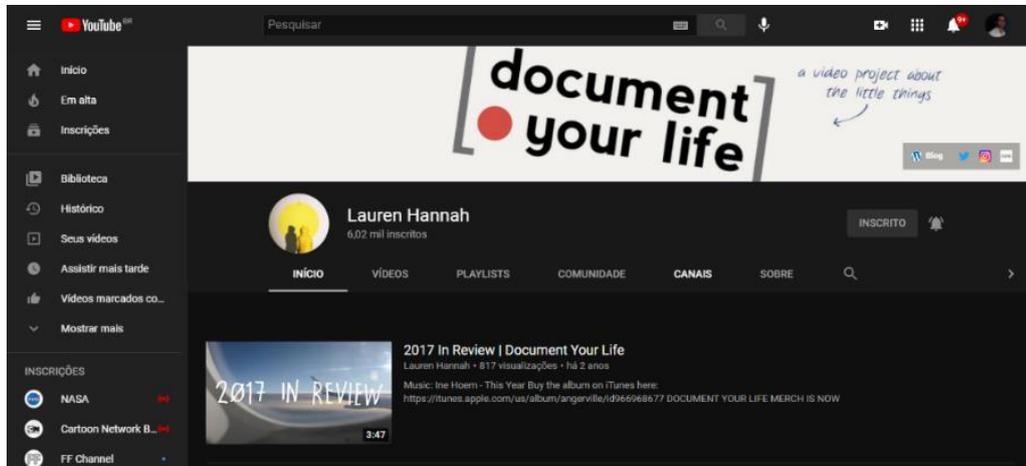
<sup>14</sup> Em tradução livre: “Documente sua vida”

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://projectdocumentyourlife.tumblr.com/>> Acesso em: 12 mar 2021

<sup>16</sup> No original: “Document Your Life is an online video project that will hopefully make you notice the beautiful little things in the world, and inspire you to live your life to the fullest. The idea is that you film short clips of the best things you've seen & done, and compile them into a monthly video”.

O projeto ganha maior visibilidade no *YouTube*, tendo milhares de visualizações. Depois do lançamento, várias pessoas passaram a aderir à proposta e começaram a reproduzir das mais diversas formas o que Lauren já estava fazendo.

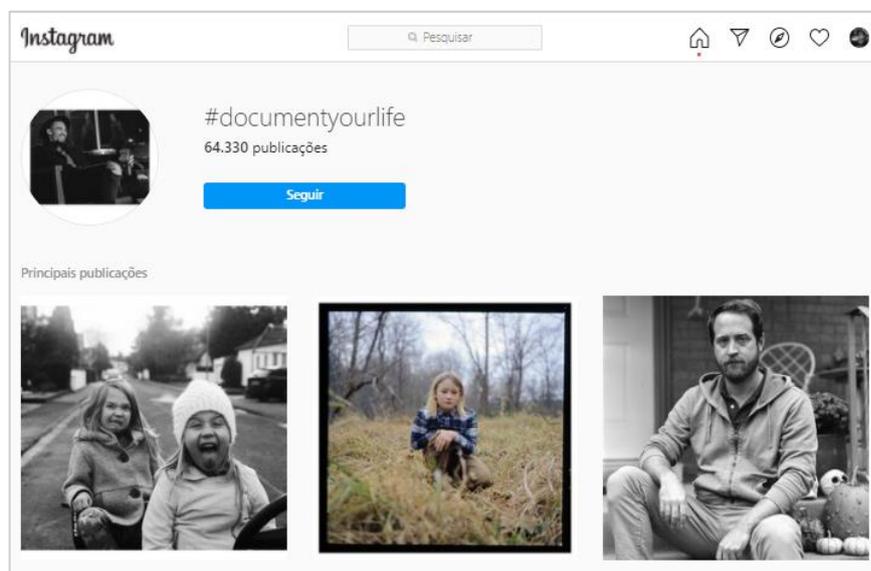
Figura 10: Página do YouTube da autora do projeto Document Your Life



Fonte: *YouTube* – Canal: iamlaurenhannah – retirado via cópia de tela em 13 de março, 2021.

Com a viralização no *YouTube*, o *Document Your Life* alcançou outras mídias e o nome do projeto começou a ser usado como *Hashtag* no *Instagram*. Saíndo de um formato audiovisual para apenas visual, os usuários do *Instagram* alimentam a *tag* publicando fotos pessoais do cotidiano. Apesar da mudança do formato e da plataforma, a ideia central continua a mesma, sendo que, agora, com fotografias.

Figura 11: Hashtag Document Your Life no *Instagram*



Fonte: Aplicativo *Instagram* – retirado via cópia de tela em 14 de março, 2021

A quantidade de fotografias anexadas na *hashtag Document Your Life* é bastante expressiva, embora haja outras hashtags com quantidades gigantescas de publicações, como é o caso da *tag* “pôr-do-sol” com mais de 6 milhões de publicações no *Instagram*. Mas é justamente por conta das necessidades que os usuários têm de publicar a vida íntima nas redes sociais online que escolhemos uma *tag* que tenha essa ideia definida no próprio conceito. Documentar a própria vida virou uma rotina comum em um mundo onde as conexões entre os indivíduos dão-se em maior parte no ambiente digital.

#### **4.2 A família Miller e a exposição nas redes sociais online**

Para Bruno (2013, p.19), “atividades de vigilância voltadas para indivíduos ou populações humanas envolvem, de modo geral, três elementos centrais: observação, conhecimento e intervenção”. Segundo a autora, a observação acontece de diferentes modos - visual, mecânico, eletrônico e digital. Permitindo a produção de conhecimento sobre os vigiados, as informações que surgem em virtude da observação são transformadas em conhecimento sobre aqueles que estão sendo vigiados. Porém, nem a observação e, conseqüentemente, nem o conhecimento por si só podem se configurar como vigilância, para isso se faz necessário uma perspectiva de intervenção dos indivíduos vigiados (BRUNO, 2013). Nesse sentido:

Assim, em linhas gerais, uma atividade de vigilância pode ser definida como a observação sistemática e focalizada de indivíduos, populações ou informações relativas a eles, tendo em vista produzir conhecimento e intervir sobre os mesmos, de modo a conduzir suas condutas. (BRUNO, 2013, p.19)

Em uma única busca pela *hashtag Document Your Life* no *Instagram*, identificamos uma grande variedade de fotografias que expõem cenas banais do usuário em seu dia a dia, permitindo, assim, que qualquer pessoa que tenha acesso a essas imagens extraia informações valiosas sobre esses usuários apenas olhando e identificando elementos chaves para vigiar e monitorar todas as movimentações do usuário que estão presentes nessas fotos. A observação, que produz o conhecimento sobre os indivíduos, permite que possíveis intervenções possam acontecer independentemente de ser positiva ou negativa para o indivíduo sob vigilância.

O DYL nos levou ao encontro do perfil pessoal @mrsmlerbc, que se apresentou como fonte rica de informações e *insights* para nossa pesquisa, como veremos a seguir. Estudar esse perfil nos possibilitou compreender melhor a

complexidade do fenômeno aqui investigado e as interações vividas por grupos sociais em função da problemática proposta (DOMINGUES; SILVA JR, 2020).

A fim de atingir os objetivos deste trabalho, utilizamos a metodologia de pesquisa qualitativa, um método tradicional nas pesquisas em comunicação, que analisa dinâmicas e subjetivas, como comportamentos, sentimentos e fenômenos sociais. A pesquisa qualitativa, reúne narrativas de múltiplas interpretações, ajudando a entender detalhes sobre um assunto ou um problema. A técnica de pesquisa deste trabalho é o estudo de caso, que, segundo Robert K. Yin (2001, p.19), “contribui, de forma inigualável, para compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos”. Robert K. Yin (2001, p. 25) avalia que um diferenciador do estudo de caso é “sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações - além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional”. Optamos pelo estudo de um único caso, focalizando assim, a observação de apenas um objeto. Portanto, para coletar os dados para o estudo, definimos a técnica da netnografia. Sobre o assunto, Kozinets (2014), diz:

A netnografia é pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal. (KOZINETS, 2014, p. 62)

A netnografia é uma adaptação da pesquisa etnográfica, com isso, leva em conta as características dos ambientes digitais que é mediada por computadores. Kozinets (2014, p. 62), diz que “o uso do termo e abordagem da netnografia no projeto geral sinalizaria não apenas a presença, mas o peso do componente online”.

Após ampla observação do perfil @mrsmlerbc0, utilizando a fotografia como evidências, selecionamos um corpus ampliado com mais de 40 postagens, que expõem pontos importantes para que qualquer pessoa navegando na internet tenha informações sobre esses usuários, como por exemplo: a identidade, localização, rotinas e hábitos.

É importante destacar que a observação que realizamos no perfil @mrsmlerbc0 no *Instagram* se voltou exclusivamente para o *feed* do usuário, evitando, assim, a utilização da ferramenta *stories*, que permite que os usuários tenham conhecimento de quem visualiza essas publicações específicas. O principal objetivo para não incluir os *stories*, uma das ferramentas mais utilizadas do *Instagram* atualmente, é precisamente para deixar o mínimo possível de rastros digitais, sob a

perspective de que esta constitui uma preocupação importante para quem decide vigiar o outro. Barrichello e Moreira (2015) nos ensinam que:

Os que vigiam devem ficar ocultos e discretos, quem deve ser visto é o objeto do exercício do poder, até porque o objetivo é analisar, estudar e conhecer – formar saber – e, para isto, é preciso observar. É necessário que haja espaços e maneiras de olhar sem ser visto, para depreender o conhecimento sobre o outro da forma mais plena possível”. (BARICHELO; MOREIRA, 2015, p. 69)

A participação do observador neste estudo dá-se no anonimato, justamente para evitar qualquer tipo de interação com a família Miller, mesmo que seja indiretamente. Portanto, optamos em não adicionar o *stories* do *Instagram* na observação constante das fotografias que a família Miller disponibiliza nas redes sociais *online*.

#### 4.2.1 Identificação

A exposição da família Miller no Instagram dá espaço para se desenvolver uma observação constante, e a depender de quem coleta as informações, os formatos de organização são variados. Escolhemos, portanto, em classificar as fotografias e as informações da família Miller em identificação, localização, rotinas e hábitos.

Figura 12: Família Miller reunida na escada



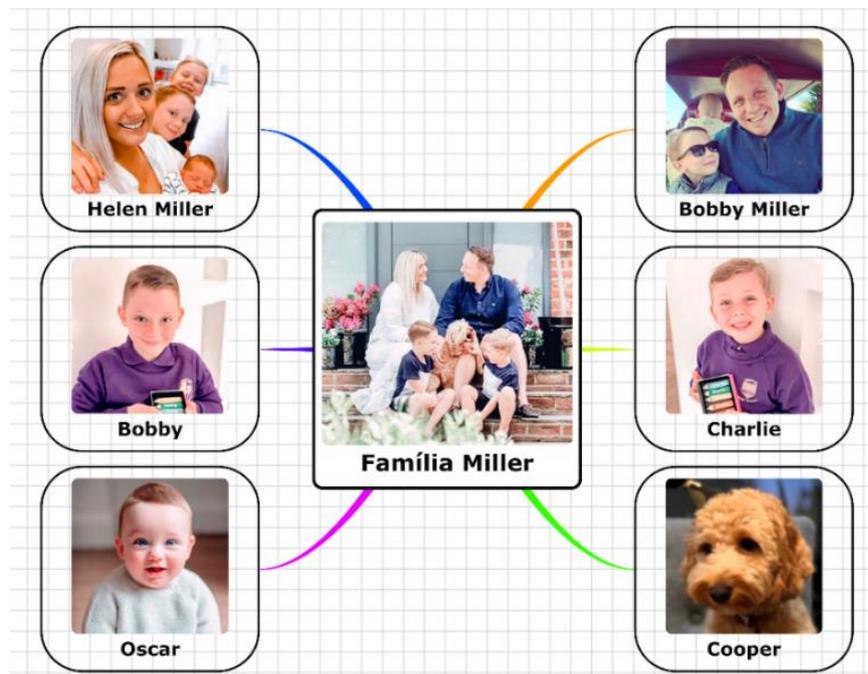
Fonte: Aplicativo Instagram – perfil: @mrsmlerbc0 – retirado via cópia de tela em 14 de março, 2021

Com a filtragem pela *hashtag Document Your Life*, a fotografia que consta na figura 12 chamou a atenção para o perfil aqui analisado por conta da notável presença de crianças na imagem, mas, também, pela construção da narrativa de uma família padrão compartilhando o seu dia a dia no *Instagram*.

Com a marcação da *hashtag*, o perfil da família Miller ganhou uma visibilidade maior na rede, tornando-se, assim, corpus de pesquisa deste estudo através dessa fotografia, que, apesar de simples, provocou uma inquietação importante e instigante para que este estudo ganhasse vida.

O perfil @mrsmillerbco expõe momentos triviais da família, sendo possível extrair informações importantes para sermos vigilantes do seu dia a dia. Na primeira observação, foi possível identificar as pessoas que aparecem nas fotografias publicadas. A família é composta por dois adultos, Helen Miller e Bobby Miller; três crianças, Charlie, Oscar e Bobby Jr; e o cachorro Cooper.

Figura 13: Membros da família Miller



Fonte: Montagem nossa. Imagens do aplicativo Instagram – perfil: @mrsmillerbco

O perfil é administrado por Helen, a mãe das crianças e esposa de Bobby. Ao identificar através das fotografias os membros da família Miller, como consta na figura 12, foi por meio da observação que auferimos um conhecimento que possibilitou uma proximidade maior com essa família. Os espectadores das redes sociais *online* que têm acesso a qualquer perfil aberto no *Instagram* conseguem fazer parte das cenas triviais e das narrativas que são publicadas pelos usuários, assim, desenvolvendo saberes pontuais sobre a vida do outro. Com a identificação dos membros da família Miller, em primeira observação, foi possível expor os rostos e os nomes de cada integrante.

#### 4.2.2 Localização

A localização é uma ferramenta de ação importante para o monitoramento de espaços e pessoas, sendo assim, se configura como uma função significativa para encontrar os indivíduos no globo. Para além da identificação dos membros da família Miller, as fotografias que eles publicam no perfil pessoal do *Instagram* revelam também pontos específicos e passíveis de serem encontrados.

Neste sentido, a geolocalização se demonstra um meio eficaz para os vigilantes se conectarem cada vez mais com a família Miller. A fonte das localizações que esse estudo apresentará nas próximas páginas se dá exclusivamente pelas fotografias. São os detalhes nas fotos da família Miller que têm o potencial para revelar aos vigilantes as movimentações e os lugares que uma família inteira geralmente frequenta ou demonstra interesse em ir.

Figura 14: Charlie e Bobby abraçados posando para a foto



Fonte: Aplicativo Instagram – perfil: @mrsmillerbco – retirado via cópia de tela em 6 de março, 2021

Na figura14, os irmãos Charlie e Bobby estão abraçados posando para a câmera. Percebemos, nessa fotografia, a presença de um brasão nas roupas das crianças e é possível identificar que se trata de um uniforme escolar de uma rede de ensino infantil intitulada *Crofton Infant School*<sup>17</sup>, tanto Charlie quanto Bobby estão

<sup>17</sup> Site da rede de ensino Crofton Infant School disponível em: <https://www.croftoninfantschool.co.uk/> Acesso em: 07 mar. 2021.

vestindo a mesma farda, sendo perceptível que ambos estudam no mesmo ambiente escolar (DOMINGUES; SILVA JR, 2020).

Figura 15: Localização de Londres



Figura 16: Localização da Crofton Infant School



Fonte: Google Maps – Retirado via cópia de tela      Fonte: Google Maps – Retirado via cópia de tela

Devido à identificação do brasão nas vestimentas de Charlie e de Bobby, foi possível, através do *Google Maps* – serviço *online* que permite a visualização de mapas e imagens via satélite – encontrar duas localizações importantes. A primeira localização encontrada por causa da identificação do brasão, é Londres, capital do Reino Unido e da Inglaterra, como consta na figura 15. A segunda, sendo essa a mais importante, como encontra-se na figura 16, é a *Crofton Infant School*, uma escola localizada em *Petts Wood*, subúrbio do sudeste de Londres, no bairro londrino de *Bromley*, que, de acordo com *Google Maps*, fica a 55 minutos de carro da capital.

Figura 18: Imagem via satélite da Crofton Infant School



Figura 17: Crofton Infant School



Fonte: Google Maps/ Street View

Fonte: Google Maps/Street View

Através de tecnologias avançadas de localização, se torna possível ter uma experiência imersiva em determinados lugares sem o indivíduo sair da própria casa. O *Street View* do *Google Maps* oferece uma representação virtual de vários países, são milhões de imagens panorâmicas que formam uma simulação visual, permitindo a visualização de ruas e locais específicos como mostra na figura 18 e, com a ajuda

de satélites do *Google*, consegue-se obter uma visão ampla e de longa distância, conforme indica a figura 17.

Graças ao *Google Maps* e a ferramenta do *Street View*, foi possível conhecer um pouco de *Petts Wood*. Percebemos que se trata de uma cidade com ruas planejadas e casas com uma arquitetura muito semelhante umas às outras, parecendo um grande estúdio cinematográfico de Hollywood, com árvores em todas as ruas e divisões proporcionalmente simétricas. As casas são de tamanhos variados, de grandes mansões a casas mais modestas. *Petts Wood* é rodeada por vários bosques, tendo, assim, uma grande área florestal aberta ao público, possibilitando a realizações de trilhas e qualquer outra atividade ao ar livre que os moradores desejam realizar. Se torna importante frisar que, apesar da beleza que uma região com bosques geralmente proporciona, os riscos relativos à segurança não podem ser ignorados.

Ao ter uma visão geral do comércio de *Petts Wood*, percebemos que se trata de pequenas lojas com características locais, que oferecem uma variedade de produtos e serviços básicos que podem ser encontrados em diversas cidades e regiões mundo afora – correios, restaurantes, salões de beleza, academias, supermercados, farmácias, biblioteca, instituições de ensino, agência de bancos, posto de combustíveis, lojas de conveniências etc. Com a presença desses serviços que citamos, percebe-se que embora não seja uma cidade como Londres, *Petts Wood* oferece um conforto comercial ativo, embora modesto. Também foi possível notar a presença de algumas igrejas católicas na cidade, assim, podemos inferir que existe uma influência religiosa presente em *Petts Wood*.

Dito isto, consideremos que se trata de uma cidade que concentra uma classe social média e alta que prefere fugir da agitação das grandes cidades, procurando a tranquilidade dos subúrbios londrinos. Essas informações acerca de *Petts Wood* são referentes a uma localização que encontramos em uma fotografia no *Instagram* da família Miller, localização essa que foi revelada através de um brasão em um fardamento escolar das crianças Charlie e Bobby como já mencionado anteriormente.

A *Crofton Infant School* fica localizada entre as ruas *Towncourt Lane* e *Crofton Lane*, na parte central de *Petts Wood*, próxima a pontos de ônibus e a estação ferroviária, que leva o mesmo nome da cidade. Observando a cidade, fica evidente que a rede de ensino fica em uma região privilegiada, com muitas casas residenciais por perto.

Essas informações e localizações foram extraídas de uma única fotografia (figura 14) viabilizando, assim, mais conhecimento sobre a família Miller. Com a identificação do brasão nas roupas de Charlie e Bobby, conseguimos um endereço, que por sua vez, revelou um leque com outros endereços. A *Crofton Infant School* é um ponto chave para encontrar a família Miller e, a partir desse lugar, conseguimos pensar possíveis intervenções, sejam elas negativas ou positivas (DOMINGUES; SILVA JR, 2020). Podemos afirmar que a família Miller frequenta a *Crofton Infant School*, visto que os meninos, Charlie e Bobby, usam o fardamento da escola.

Figura 19: Charlie, Bobby e Cooper sentados na frente de uma



Fonte: Aplicativo Instagram – perfil: @mrsmillerbco – retirado via cópia de tela em 8 de março, 2021

Na figura 19, Charlie, Bobby e Cooper (o cachorro) estão sentados em frente a uma porta posando para uma fotografia. A princípio, essa imagem é uma representação de um momento feliz, e que muito provavelmente vai estar presente na memória dessa família como um dia nostálgico. Entretanto, para os olhos vigilantes, essa imagem revela algumas características inestimáveis e que merecem ser destacadas nesta pesquisa. Com a ajuda do *Google Maps* e da ferramenta *Street View*, conseguimos localizar a porta que mostramos na figura 19. Essa mesma porta aparece em outras fotografias da família Miller, assim como na primeira imagem (figura 12) que encontramos deles através da *hashtag Document Your Life*, que provocou a inquietação sobre como as fotografias postadas no *Instagram* poderiam se tornar um dispositivo de vigilância e controle.

Dispondo como referência a fotografia mostrada na figura 19, fizemos uma longa busca pelo *Google Maps*, conhecendo as ruas da cidade de *Petts Wood*. Encontramos essa casa apresentada nas figuras 20 e 21, que se localiza na rua *Priory Ave*, de número 14, entre as ruas *St John's Rd* e *Willett Way*.

Figura 20: Faixada da casa de número 14



Fonte: Google Maps/ Street View

Figura 21: Visão via satélite da casa de número 14



Fonte: Google Maps/Street View

Em busca de uma certificação de que se trata da mesma casa que aparece nas fotografias da família Miller, voltamos para a observação de detalhes que parecem pequenos, porém, são muito reveladores, como por exemplo a distribuição dos tijolos, que em ambas as imagens, tanto a da figura 19 e a da figura 20, são idênticas nas mesmas proporções geométricas, cores e posicionamentos. Entendemos que a probabilidade de haver duas casas que possuem a mesma faixa (mesmo em uma cidade com casas esteticamente parecidas e organizadas) e exatamente igual é muito pequena e quase impossível. Um outro detalhe é o modelo da porta, embora não seja nada excêntrica, essa foi a única casa na região que encontramos com esse mesmo modelo e cor. Foi possível realizar uma grande observação das ruas de *Petts Wood* por ser uma cidade considerada pequena em relação a outras da região. *Petts Wood* conta com uma área de 4.302 km<sup>2</sup> e uma estimativa populacional de 13.862 habitantes, conforme o último censo<sup>18</sup> de 2019.

<sup>18</sup> Disponível em:

<[http://citypopulation.de/en/uk/london/wards/bromley/E05000124\\_petts\\_wood\\_and\\_knoll/](http://citypopulation.de/en/uk/london/wards/bromley/E05000124_petts_wood_and_knoll/)>. Acesso em: 12 de mar. 2020.

Figura 22: Casas em frente à casa de número 14.



Fonte: Google Maps/ Street View

Por fim, temos mais um detalhe importante. Notamos um reflexo na fotografia apresentada na figura 19. Esse reflexo é de uma pequena janela, e ao procurar pelo *Google Maps* a frente da casa mostrada na figura 20, encontramos a fonte desse reflexo mostrado na figura 22. Esse reflexo se configura como mais um indicador de que está casa pertence ou já pertenceu a família Miller, levando em consideração o fato de que algumas fotografias publicadas no perfil deles mostram esse mesmo portão em diversos momentos.

Não podemos afirmar com plena certeza de que a família Miller mora na rua *Priory Ave*, na casa de número 14, mas podemos assegurar que essa é uma casa presente na vida deles, um local de referência para encontrá-los, como também buscar informações sobre eles com os moradores da rua *Priory Ave*.

Percebemos que esses pequenos detalhes que conseguimos extrair da fotografia mostrada na figura 19 nos revelou uma localização tão importante quanto a da escola *Crofton Infant School*.

Figura 23: Bobby posando para uma fotografia com um certificado nas mãos



Fonte: Aplicativo Instagram – perfil: @mrsmlerbc0 – tirado via cópia de tela em 10 de março, 2021

Na figura 23, conseguimos identificar outra localização, que foi revelada de duas formas: a primeira, pela localização marcada na própria publicação; e a segunda, em virtude das informações presentes no certificado que Bobby segura enquanto posa sorridente para a fotografia. *Westcombe Park RFC* é um clube de futebol e de *rugby* sediado em *Orpington*, no sudeste de Londres, conforme mostrado na figura 24.

Figura 24: *Westcombe Park RFC*



Fonte: *Google Maps/ colagem nossa.*

O clube fica localizado na rua *Goddington Ln* e, de acordo com o *Google Maps*, fica a uma distância de aproximadamente 7 minutos de carro de *Petts Wood*, principal local com maiores rastros da família Miller. Analisando a publicação podemos inferir que a fotografia apresentada na figura 23 foi um registro de uma comemoração pela participação de Bobby como mascote do time, essa análise se dá pelo sorriso e o gesto de Bobby em segurar o certificado com satisfação enquanto posa gentilmente para a câmera. O satélite do Google talvez possa hoje fazer, realmente, as vezes do “olho que tudo vê” e que, a um clique nosso, nos permite observar sorrateiramente uma série de lugares e pessoas que nem sequer sonham estar sendo observadas, vigiadas e analisadas naquelas condições e naquele dado momento (DOMINGUES; SILVA JR, 2020).

#### 4.2.3 Rotinas e hábitos

Após uma ampla observação das fotografias da família Miller, notamos alguns aspectos importantes sobre as rotinas e os hábitos desta família. A seguir, nas figuras 25, 26 e 27, apresentamos algumas fotografias que foram extraídas do perfil da família Miller que nos dizem um pouco mais sobre as rotinas e os hábitos deles que foram identificados com a observação do perfil como um todo. Na conta do *Instagram* a

família Miller coleciona uma série de fotografias ao ar livre, o que nos indica previamente o interesse e a disposição para atividades externas que envolvem todos os membros da família. É interessante notar a maior presença do pai, Bobby, em tais atividades, podendo-se perceber que, embora esteja presente em muitas fotos do perfil, aparece pouco nas fotos mais prosaicas, em comparação aos meninos e até mesmo à mãe Helen.

Figura 25: Série de fotografias da Família Miller em ambientes externos



Fonte: Montagem nossa. Aplicativo Instagram – perfil: @mrsmillerbco – retirado via cópia de tela em 26 de março, 2021

Selecionamos 15 fotografias de momentos externos da família Miller (figura 25), essas fotos apresentam parques, praias, lugares comerciais, campos e até mesmo florestas, sendo esses alguns dos lugares que a família Miller frequentam. A maioria desses lugares se tornam também possíveis de se localizar justamente por conta das características da ambientação, como é o caso da pequena imagem na qual as crianças estão com o pai ao lado da estátua de um leão. Uma pesquisa pelo *Google Maps* revela que se trata da *Banstead Wood and Chipstead Downs Nature Reserve*, uma reserva natural que conta com diversos espaços temáticos para atrair turistas. No caso, o leão retratado representa um dos personagens mais icônicos da literatura mundial, Aslam, presente nas histórias do autor irlandês C.S Lewis. A reserva fica a aproximadamente 24 Km de *Petts Wood*. Percebe-se que essas fotografias são de passeios frequentes em várias estações do ano, como é mostrado na figura 26.

Podemos inferir também que a família Miller não se limita a frequentar lugares apenas na região de *Petts Wood*, Londres ou até mesmo no Reino Unido. Nesse sentido, podemos citar alguns países que as fotografias dos Miller nos revelaram: Itália, Espanha e Grécia.

Figura 26: Comemorações da família Miller



Fonte: Montagem nossa. Aplicativo Instagram – perfil: @mrsmillerbco – retirado via cópia de tela em 27 de março, 2021

Na figura 26, mostramos 9 fotografias que exibem momentos de comemorações da família Miller, como por exemplo a Páscoa, Natal, Halloween e aniversários dos próprios membros da família, que são momentos constantes e com direito a várias fotografias. Os Miller não se diferem dos padrões da sociedade e vivem intensamente esses eventos universais. Essas informações “simples” parecem de pouca relevância, mas para o espectador que desenvolve um olhar vigilante, o simples fato de saber esses hábitos torna-se uma intervenção, não no sentido de agir, mas, sim, uma forma de ter em mãos as informações do dia a dia da família Miller por mais simples que pareça ser.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível identificar aos poucos algumas pequenas mudanças no perfil da família Miller no *Instagram*, como, por exemplo, a diminuição das publicações no perfil enquanto Hellen estava em período de gestação do mais novo membro da família, o bebê que recebeu o nome de Oscar e veio se juntar ao papai Bobby e aos irmãos Charlie e Bobby Jr.

Figura 27: O novo integrante da família Miller, Oscar.



Fonte: Montagem nossa. Aplicativo Instagram – perfil: @mrsmillerbco – retirado via cópia de tela em 1 de agosto, 2021

Com a chegada do novo membro, percebemos também que as fotografias publicadas no perfil da família eram todas sobre o crescimento de Oscar (figura 27), deixando assim, as imagens de Charlie e Bobby Jr, que até então eram destaques como protagonistas nas cenas do dia a dia desta família, se perderem entre as novas imagens. Uma das mudanças mais significativas que notamos foi a ausência do pai Bobby nas fotografias no período em que Hellen estava grávida e nas fotografias pós gravidez, levando em consideração a enorme presença dele em praticamente todas as publicações anteriores à gestação.

Entre essas mudanças, também percebemos que as fotografias de passeio, principal passatempo da família Miller, pararam de aparecer no *Instagram*. Antes da nova gestação de Hellen, a maioria das fotografias do perfil eram referentes a saídas, com direito à presença de todos os Miller. Após o nascimento de Oscar, as fotografias de passeios começaram a reaparecer, agora com um novo integrante. Como os Miller adotam a prática de documentar a vida nas redes sociais *online*, tal como a própria *hashtag* “*Document Your Life*” sugere, esses novos lugares que a família Miller passaram a frequentar após o nascimento de Oscar podem atrair os olhos vigilantes como novos endereços que a família frequenta, novos hábitos, um outro padrão de informações.

### 4.3 Discussão

A obra “A sociedade do espetáculo” de Guy Debord (2003), estuda um mundo que depende da produção de imagens para explicar a realidade. Debord (2013, p. 14) diz que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens” nesse sentido, “o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda a parte” (2013, p. 26).

A vida na rede se configura, então, como um grande espetáculo, que é acessado por diversos espectadores atraídos pelas imagens dos indivíduos que transformam a vida em um grande show de cenas banais, expondo na internet a vida que antes era privada.

Atualmente é quase impossível falar em anonimato na internet. Cada vez mais os indivíduos estão sendo impulsionados a se envolverem com os serviços que os dispositivos tecnológicos oferecem, sendo a maioria desses essenciais para sobreviver em uma sociedade conectada.

No artigo “Você é o que o Google diz que você é: a vida editável, entre controle e espetáculo”, Sibilia (2018) discorre sobre o direito ao esquecimento, a existência e a exposição dos indivíduos na internet em um mundo cada vez mais conectado. A autora (2018, p. 213) diz que “o anonimato não é uma possibilidade viável hoje em dia, supondo que alguém pudesse chegar a desejá-lo”. Entre tantos dados sendo produzidos e cruzados diariamente, se esconder deste sistema, que torna o indivíduo visível e conseqüentemente vigiado, é quase impossível. Ainda conforme Sibilia (2018, p. 213), “o velho sonho da ilha deserta, por exemplo, não parece mais factível; aliás, hoje em dia não é imaginável nem sequer como pura fantasia, pelo menos não sem Wi-Fi”. Permanecer oculto ou não na internet, muitas vezes se torna uma escolha do próprio indivíduo. De acordo com Bauman (2013, p. 28):

Quanto à “morte do anonimato” por conta da cortesia da internet, a história é ligeiramente diferente: submetemos à matança nossos direitos de privacidade por vontade própria. Ou talvez apenas consentimos em perder a privacidade como preço razoável pelas maravilhas oferecidas em troca (BAUMAN, 2013, p.28).

Fazer parte das redes sociais *online* é automaticamente renunciar à privacidade, trocar a vida íntima por likes e permitir que os olhos globais – aqui sendo representados pelos espectadores – observem as banalidades do dia a dia de cada

usuário que por vontade própria, ou como moeda de troca, alimentam suas redes sociais *online* com dados pessoais cada vez mais reveladores. Para Bauman:

Tudo que é privado agora é feito potencialmente em público – e está potencialmente disponível para o consumo público; e continua sempre disponível, até o fim dos tempos, já que a internet ‘não pode se forçar a esquecer’ nada registrado em algum de seus inumeráveis servidores. (BAUMAN, 2013, p. 28)

Apesar da autonomia para decidir o conteúdo que vai ser postado, a família Miller não tem mais o controle e nem o poder sobre as fotografias que foram publicadas no perfil pessoal no *Instagram*. Uma vez nas redes, os indivíduos se tornam reféns da própria exibição.

Sobre os limites entre o público e o privado, Bruno (2013) diserte que dos *reality shows* às redes sociais *online*, várias mídias se tornam um convite para entrar na vida íntima dos indivíduos. Segundo a autora, desenvolve-se uma espécie de voyeurismo simulado, que penetra na intimidade das coisas mais corriqueiras (BRUNO, 2013). Partindo dessa reflexão, entendemos que as fotografias da família Miller no *Instagram* se tornam um convite para os olhos vigilantes quando são publicadas nas redes sociais online deixando, assim, o acesso livre para todos aqueles que possuem uma conta no *Instagram*.

De acordo com uma pesquisa realizada por Salman Aslamem em 6 de janeiro de 2021 e publicada pelo *blog Omnicore*, a página exploratória do *Instagram* é vista por 200 milhões de contas diariamente e mais de 50 bilhões de fotos já foram enviadas para o *Instagram*, totalizando 995 fotos carregadas por segundo. Em um dos dados apresentados por Aslamem, as fotos em que aparecem os rostos dos usuários obtêm 38% mais curtidas do que as demais. Consoante Bruno, “aquele que por ora está na condição de espectador é chamado a participar ativamente nestas novas modalidades de exposição de si” (2013, p. 69).

Como já mencionado neste trabalho, os usuários do *Instagram* podem escolher em ter uma conta privada, assim, controlando o acesso, ou deixar a conta pública. Entretanto, alguns aplicativos online tentam burlar o próprio sistema de segurança do *Instagram*. Em 2019 o aplicativo *Ghosty*, que permite a visualização das contas privadas no *Instagram*, foi retirado da loja virtual do Google após o *Instagram* entrar com uma ação na justiça. O ambiente em rede cada vez mais vem se tornando hostil

para aqueles que se preocupam com a privacidade, mesmo quando os dispositivos vigilantes são apresentados como seguros.

Acreditamos que essa despreocupação em converter a vida privada em pública através das redes sociais online se dá também pelo fato de os indivíduos ainda não entenderem as devidas consequências que a falta de controle sobre a própria privacidade pode causar na vida pessoal, profissional e social deles. Consequências essas que podem afetar não apenas o indivíduo em si, mas também todo o círculo social ao qual ele pertence, pois as redes sociais de amigos automaticamente se tornam expostas quando são marcados.

Apesar da pouca autonomia que a família Miller dispõe sobre as fotografias publicadas no Instagram, ao mesmo tempo em que correm riscos que merecem ser levados a sério, os Miller se colocam como protagonistas das construções da identidade que desejam passar. Aqui, podemos inferir que a vida privada se configura como um diário, não mais íntimo como de costume, mas público, enquanto outros acompanham as histórias ali registradas. Paula Sibília (2018, p. 210) reflete sobre o espetáculo de si mesmo e os sonhos de um controle total de todos por todos e de cada um por si:

Em plena proliferação dessas estratégias de visibilidade que todos somos intimados a colocar em jogo cotidianamente, com o propósito de projetar perfis atraentes que sejam capazes de seduzir o maior número de olhares, conquistando likes e seguidores para dar espessura a própria existência, cabe se questionar se é possível ter algum controle sobre aquilo que se difunde acerca de si mesmo (SIBILIA in BRUNO et al (org.), 2018, p. 210)

As redes sociais online são os novos confidentes de uma geração que tem como base de comunicação a internet. Ao mesmo tempo em que a internet facilita as conexões humanas, ela carrega em si riscos que devem ser considerados e gerenciados com seriedade. A família Miller conquista likes e seguidores, não em uma proporção gigantesca como por exemplo as celebridades, mas, sim, como um usuário comum. Com as inúmeras fotografias publicadas, a família comum atrai olhares diversos, tanto quanto uma pessoa com milhões de seguidores, a diferença é apenas o volume, mas os riscos se tornam basicamente os mesmos ou até mais graves, já que um perfil comum não conta com uma gestão profissional do seu conteúdo.

Um dado considerável acerca do perfil da família Miller no *Instagram* é a similaridade dos interesses entre Helen, a mãe das crianças que administra o perfil, com os espectadores que comentam as fotografias ali publicadas. Após observar os comentários e as fotos dos perfis que interagem com Helen, notamos que se trata de

perfis que, assim como o da família Miller, espetacularizam o cotidiano com fotografias da família e amigos. É uma grande troca de saberes. Os elementos textuais das publicações da família Miller são em maior parte em tom de declarações de afetos, pois a cada fotografia publicada, Helen faz um depoimento carregado de emoções, o que tem o poder de atrair comentários com elogios diversos para a publicação em si. Patrício e Gonçalves (2012) refletem sobre evolução da internet e as aparições cada vez mais frequente de ferramentas *online* capazes de criar uma atmosfera colaborativa e interativa, sendo um exemplo as redes sociais *online*:

As redes sociais são aplicações que suportam um espaço comum de interesses, necessidades e metas semelhantes para a colaboração, a partilha de conhecimento, a interação e a comunicação (PETTENATI ET AL., 2006, BRANDTZAEG ET AL., 2007 apud PATRÍCIO, R.; GONÇALVES, V, 2012, p.593).

Nesse sentido, as redes sociais *online* se caracterizam como uma grande troca de experiências e sentimentos, conseguindo unir grupos de pessoas em um mesmo espaço. É exatamente o que acontece com o perfil da família Miller enquanto rede colaborativa, uma grande partilha de interesses com pessoas que compartilham da mesma proposta em documentar o cotidiano pessoal.

É bastante interessante pensar que, por conta da *hashtag Document Your Life* no *Instagram*, conseguimos encontrar um perfil pessoal com fotografias simples do dia a dia e extrair várias informações através dessas fotos: localização, rostos, relações de parentescos, gostos, estilo de vida e ambientes favoráveis para possíveis intervenções de inúmeras naturezas ((DOMINGUES; SILVA JR, 2020).

A família Miller escancara as portas para as práticas de vigilância quando expõe, através das fotografias divulgadas nas redes sociais *online*, momentos íntimos, seja de passeios, comemorações, conquistas e momentos descontraídos.

Bruno Pucci (2001) no artigo “Tenho uma leve impressão de que estou sendo vigiado!” reflete sobretudo sobre os riscos que os indivíduos correm com as práticas vigilantes e as consequências que a exposição da vida privada pode causar no ser humano. Segundo Pucci (2001, p. 198), “a vida privada cada vez mais se torna vulnerável e exposta às articulações dos que detém informações”. A família Miller não tem nenhuma garantia sobre quem vai ter acesso às publicações no seu perfil no *Instagram*, uma vez que o próprio perfil é aberto ao público em geral. Nesta perspectiva, vamos ao encontro do que Pucci (2001, p. 198) questiona: “E quem me

garante que eles (os difusos espiões) não usarão esses dados contra mim? em algum momento da minha vida?”

É certo que pesquisadores e ativistas estão cada vez mais desenvolvendo e realizando medidas para tentar alertar a sociedade sobre os riscos que emergem com a vigilância, a fim de diminuir tais práticas descuidadas. Porém, atualmente o que se vê é que a família Miller se torna refém das próprias fotografias, pois, apesar de haver limitações, essas imagens nos entregam, ali na internet, entre uma foto e outra, a possibilidade de invadir a intimidade e roubar de uma forma sorrateira as mais diversas informações da vida de um indivíduo, neste caso, de uma família inteira.

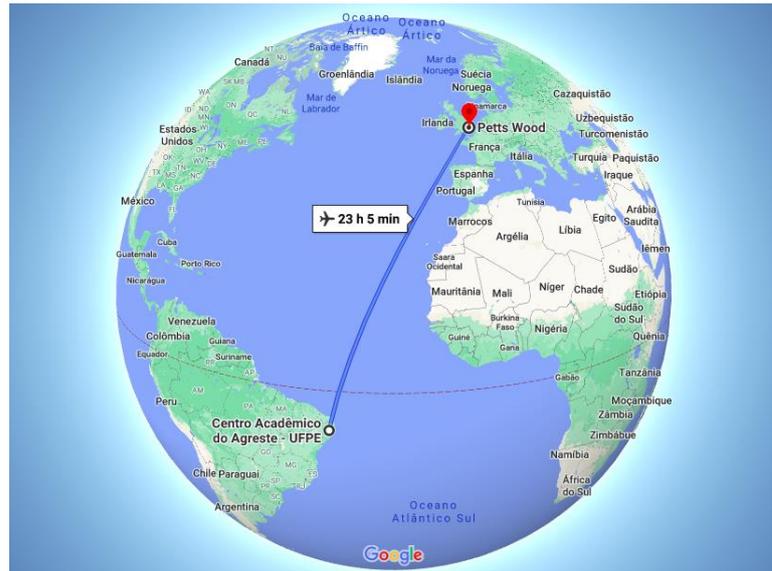
As tecnologias cada vez mais entrelaçadas aos diversos aspectos da vida dos seres humanos, inclusive criando maneiras de agir. No âmbito das redes sociais *online*, as ferramentas disponibilizadas permitem a propagação do ver e ser visto. De fato, o espetáculo da visibilidade não pode parar diante de um mundo midiaticado, pois os poucos indivíduos que vão na contramão à essas tecnologias se tornam afastados do mundo atual. Pucci (2001) observa que:

Combater a tecnologia equivale hoje em dia a opor-se ao espírito do mundo contemporâneo. As pessoas parecem resignadas à multiplicação indiscriminada dos “objetos vigilantes, comunicantes” e todos os produtos da tecnificação. Acomodam-se a eles, adaptam-se ao seu manejo, misturam-se com eles. Não conseguem viver mais sem eles. Tem com eles uma relação interpessoal. E as relações entre pessoas, mediadas pela tecnologia, tornaram-se insensíveis, puramente funcionais, deixam-se congelar (PUCCI, 2001, p. 200)

Aceitar os avanços tecnológicos e fazer parte deles parece ser a chave para abrir a porta do futuro. Ao contrário, não se permitir, é se fechar para o mundo. É justamente com esse paradoxo que os dispositivos vigilantes tendem a ganhar forças em um mundo interconectado. A fotografia em uma rede social online é um convite para o outro adentrar na privacidade alheia e ter em mãos a escolha entre intervir negativamente ou alertar o outro sobre suas condutas perante uma rede comunicativa e os perigos que ali se alastram.

A netnografia se transforma em uma janela para se olhar e conhecer o mundo sem precisar ir a campo como a etnografia propõe. Nesse sentido, as redes sociais *online*, cada vez mais presentes nas vidas das pessoas, permitem uma série de acessos e observações constantes da vida dos usuários que alimentam essas redes sociais com informações valiosas, expondo cada detalhe do seu dia a dia sem se preocupar com as possíveis consequências que essas ações podem causar na vida pessoal de cada pessoa.

Figura 28: Campus Acadêmico do Agreste x Petts Wood



Fonte: Google Maps

Esse estudo demonstra que não existe “distância” para desenvolver um olhar vigilante sobre os indivíduos. Não importa o lugar em que eles estejam, com a internet e as redes sociais online as barreiras que limitavam a conexão entre os indivíduos são quebradas, tornando, assim, fácil o acesso a uma ampla quantidade de pessoas. Esse trabalho, por exemplo, foi realizado por pesquisadores do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco, situada no estado de Pernambuco na região Nordeste do Brasil. São exatamente 23h e 5 minutos de distância via aérea entre o Centro Acadêmico do Agreste e *Petts Wood*, subúrbio de Londres, onde se localiza a família Miller (figura 28). Neste momento, aqueles indivíduos sequer imaginam que seus registros afetivos se tornaram corpus de pesquisa para estudiosos de uma universidade no interior de Pernambuco.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre as novas tecnologias de informação e comunicação se demonstram cada vez mais valiosos na era digital, em decorrência das diversas transformações que as tecnologias provocam na sociedade, sendo a fotografia e a vigilância temas de relevo. Com as práticas de vigilância se difundindo cada vez mais na sociedade, especialmente através da rede mundial de computadores, a vida dos indivíduos tende se expor a riscos quando os rastros, principalmente os digitais, contendo informações de aspecto privado, se tornam acessíveis a terceiros que podem, assim, desenvolver formas de controlar os indivíduos, fazendo uso de conhecimentos valiosos sobre a privacidade alheia.

Michel Foucault (1987) nos ensina que na modernidade as sociedades disciplinares desenvolveram formas de adestramento e de controle para moldar os corpos e as almas dos indivíduos. Para isso, as instituições disciplinares criaram métodos específicos de acordo com os quais a vigilância se exerce de forma incessante: colégios; prisões, com o dispositivo panóptico; quartéis e hospitais são exemplos de ambientes em que se exercem práticas com características disciplinares. Deleuze (1992) nos mostra que as sociedades de controle, nas quais estamos inseridos atualmente, por outro lado, exerce seu domínio de vigilância através de diversos dispositivos. Inseridos na era digital, tais dispositivos atingem um potencial mais abrangente, pois a vigilância própria da sociedade de controle age sorrateiramente no mundo inteiro, tendo a internet como uma grande aliada nessa tarefa. Da sociedade disciplinar à sociedade de controle, a ideia de vigiar se expande pelo mundo inteiro com formatos diferentes, mas com o mesmo objetivo: vigiar e controlar os indivíduos em prol de interesses determinados, cuja legitimidade é debatível. Por isso, novas inquietações em volta dessas questões se revelam, e é com esse desconforto que trazemos a fotografia para os estudos da vigilância e tecnologias da comunicação.

A atividade fotográfica está presente nas vidas de boa parte da população mundial, seja ainda no formato analógico ou no digital. Este último se destaca por ter um grande alcance com o auxílio da era digital ao seu favor, como é o caso das redes sociais *online*, que se tornam também um ambiente de compartilhamento dessas fotografias, possibilitando que o indivíduo divulgue toda e qualquer fotografia que

assim desejar. O acervo de imagens fica disponível para que qualquer pessoa consiga acessar, principalmente nas redes sociais *online*, como *Facebook*, *Twitter*, *Behance*, *Pinterest* e o *Instagram*, rede social *online* que mais comporta fotografias no mundo inteiro.

Nesse sentido, consideramos a fotografia para além de um mero registro desprezioso, pois tem um grande potencial para possibilitar o exercício de práticas de vigilância e controle, se transformando, assim, também em um dispositivo de vigilância e controle na era digital.

No Instagram, conseguimos encontrar um perfil pessoal aberto de uma família londrina cujas fotografias revelaram informações importantes atinentes às identidades, localizações, rotinas e aos hábitos de todos os membros dessa família. O perfil @mrsmlerbc0 certamente não sabe que as fotografias publicadas por eles, possibilitam uma vigilância constante sobre suas vidas. Entre poses e sorrisos, as fotografias da família Miller se tornam, sobretudo, fotos de vigilância e oferecem aberturas para que os vigilantes possam agir como bem entenderem, seja para algo positivo ou negativo. A depender de quem os vigia, se tornam alvos de possíveis crimes. De qualquer forma, o fato de as informações pessoais estarem no controle de outros indivíduos, automaticamente faz surgir uma preocupação independentemente da intenção de quem os vigia.

A naturalização das práticas de vigilância na sociedade tende a provocar uma série de ações que podem se tornar prejudiciais para todo o mundo. Percebemos que nas redes sociais *online* ocorre uma vigilância como aquela exercida no panóptico, pois, assim como ocorre com a torre central observando os prisioneiros contundentemente para exercer sobre eles o controle e torná-los corpos dóceis, os usuários sujeitos à era da vigilância também não conseguem saber com precisão se estão ou não sendo vigiados. A torre central da vigilância se torna invisível na era digital, mas ela está sempre ativa com os faróis ligados para alcançar todos e todas em função de um desejo do controlador, que, no caso exemplificativo da família Miller, pode ser um vizinho, um colega ou chefe do trabalho, uma empresa em busca de potenciais clientes ou até mesmo um total estranho que, do outro lado do oceano Atlântico, formula um estudo acadêmico com o fim de apresentar a relevância de se debater o papel da fotografia como um dispositivo de vigilância e controle nas redes sociais digitais.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** Outra travessia, Florianópolis, n. 5, p. 9-16, jan. 2005. ISSN 2176-8552. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>>. Acesso em: 23 abr. 2021
- AKERKAR, Rajendra. **Big data computing**. Boca Raton: Taylor & Francis Group, LLC, 2014.
- ALTOÉ, Larissa. **Fotos originais x fotos manipuladas**. MultiRio, Rio de Janeiro, 25 jul. 2017. Reportagens, p. 1. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/12616-fotos-originais-x-fotos-manipuladas>
- BAUMAN, Zygmunt; LYON, David. **Vigilância líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BRASIL. Agência IBGE Notícias. **IBGE divulga estimativa da população dos municípios para 2020**. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28668-ibge-divulga-estimativa-da-populacao-dos-municipios-para-2020>> Acesso em: 10 fev. 2021.
- BRUNO, Fernanda. **Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede**. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, v. 19, n. 3, p. 681-704, set./dez.2012.
- \_\_\_\_\_. **Estética do flagrante: Controle e prazer nos dispositivos de vigilância contemporâneos**. In: Cultura e Pensamento, Revista Cinética. Rio de Janeiro, 2006. [http://www.revistacinetica.com.br/cep/fernanda\\_bruno.htm](http://www.revistacinetica.com.br/cep/fernanda_bruno.htm)
- \_\_\_\_\_. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e Subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Mapas de Crime: Vigilância distribuída e participação na cibercultura**. In Revista eletrônica E-Compós, Brasília, V. 12, n.2, maio/agosto de 2009.
- BRUNO, Fernanda; KANASHIRO, Marta; FIRMINO, Rodrigo. **Vigilância e Visibilidade: Espaço, Tecnologia e Identificação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura; vol. 1**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DELEUZE G. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle**. In: Deleuze G. Conversações: 1972-1990. Rio de Janeiro: Editora 34; 1992.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo** (e comentários sobre a sociedade do espetáculo). Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

DOMINGUES, Izabela. **Publicidade de controle:** consumo, cibernética, vigilância e poder. Porto Alegre: Sulina, 2016.

DOMINGUES, IZABELA; SILVA JUNIOR, S. L. **A família Miller e a fotografia como dispositivo de vigilância e controle nas mídias sociais.** In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. VIRTUAL. 1º a 10/12/2020, 2020, Salvador. **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020.**

FATORELLI, A. **Notas sobre a fotografia analógica e digital.** Discursos fotográficos, Londrina, v. 13, n. 22, p. 52-68, 2017

FOUCAULT, Michel. *Le jeu de Michel Foucault.* Entrevista dada à revista Ornicar? In: Michel FOUCAULT, **Dits et écrits**, Tome III. Paris: Gallimard, 1994, p. 298-329, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

INSTAGRAM by the Numbers: **Stats, Demographics & Fun Facts.** Omnicore Agency, 2021. Disponível em: < <https://www.omnicoreagency.com/instagram-statistics/>> Acesso em: 20 jan. 2021

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** São Paulo: Ática, 2001.

KOZINETS, ROBERT V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online.** Porto Alegre: Penso, 2014.

LYON, David. 11 de setembro, sinóptico e escopofilia: observando e sendo observado. In: BRUNO, Fernanda; KANASHIRO; FIRMINO; Rodrigo. **Vigilância e Visibilidade: Espaço, Tecnologia e Identificação.** Porto Alegre: Sulina, 2010.

MACHADO, A. **A fotografia como expressão do conceito.** *Studium*, [S. l.], n. 2, p. 5–23, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/10021>. Acesso em: 1 jul. 2021

MONTEIRO, Charles. **A pesquisa em História e Fotografia no Brasil: notas bibliográficas.** In: Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 15, nº. 28, dez. 2008.

OLIVEIRA, E.M. **Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital.** São Paulo: USP, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogicafotografia-digital.pdf>.

PATRÍCIO, R., & GONÇALVES, V. (2010) - **Facebook: rede social educativa?** In I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. 593- 598. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>>. Acesso em: 07 Mar. 2021.

PUCCI. B. **Tenho uma leve impressão de que estou sendo vigiado!** Comunicações: cadernos do Programa de Pós-Graduação em Educação.

Piracicaba: Ynumep, ano 8, n. 1, jun. 2001. Disponível em:  
<<https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/comunicacoes/article/view/1478>> Acesso em: 14 abr. 2021.

RECUERO, R. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009

\_\_\_\_\_. **A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social**. In: VIZER, Eduardo. (Org.). *Lo que McLuhan no previu*. Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Tudo sobre Tod@s: redes digitais, privacidade e vendas de dados pessoais**. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2016.

KLEINA, Nilton. **A história da Kodak, a pioneira da fotografia que parou no tempo [vídeo]**. TecMundo, [S. l.], p. 1, 10 out. 2017. Disponível em:  
<https://www.tecmundo.com.br/mercado/122279-historia-kodak-pioneira-da-fotografia-nao-evoluiu-video.htm>. Acesso em: 16 abr. 2021.

SCORSATO, Helen. **O uso da fotografia em processos de identificação e ao método Bertillon – século XIX**. Uruguay: Estudios Historicos, 2012; 9.

TOREZANI, Julianna Nascimento. **As selfies do Instagram: os autorretratos na contemporaneidade**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

VELASCO, Nina. **Fotografia digital, estética e sociedade de controle**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 16, p. 123-133, dez. 2008.

VENTURA, Felipe. **Exclusivo: vazamento que expôs 220 milhões de brasileiros é pior do que se pensava**. [S.L] 2021. Disponível em:  
<<https://tecnoblog.net/404838/exclusivo-vazamento-que-expos-220-milhoes-de-brasileiros-e-pior-do-que-se-pensava/>> Acesso em: 10 fev. 2021.

VINICIUS CAUDURO, F. **Fotografia digital**. Revista FAMECOS, v. 4, n. 7, p. 182-186, 9 abr. 2008.

YIN, R. K. **Estudo de Caso \_ Planejamento e Método**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZUBOFF, Shoshana. **Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação**. In: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; (org). **Tecnopolíticas da Vigilância: Perspectivas da Margem**. São Paulo: Boitempo, 2018.